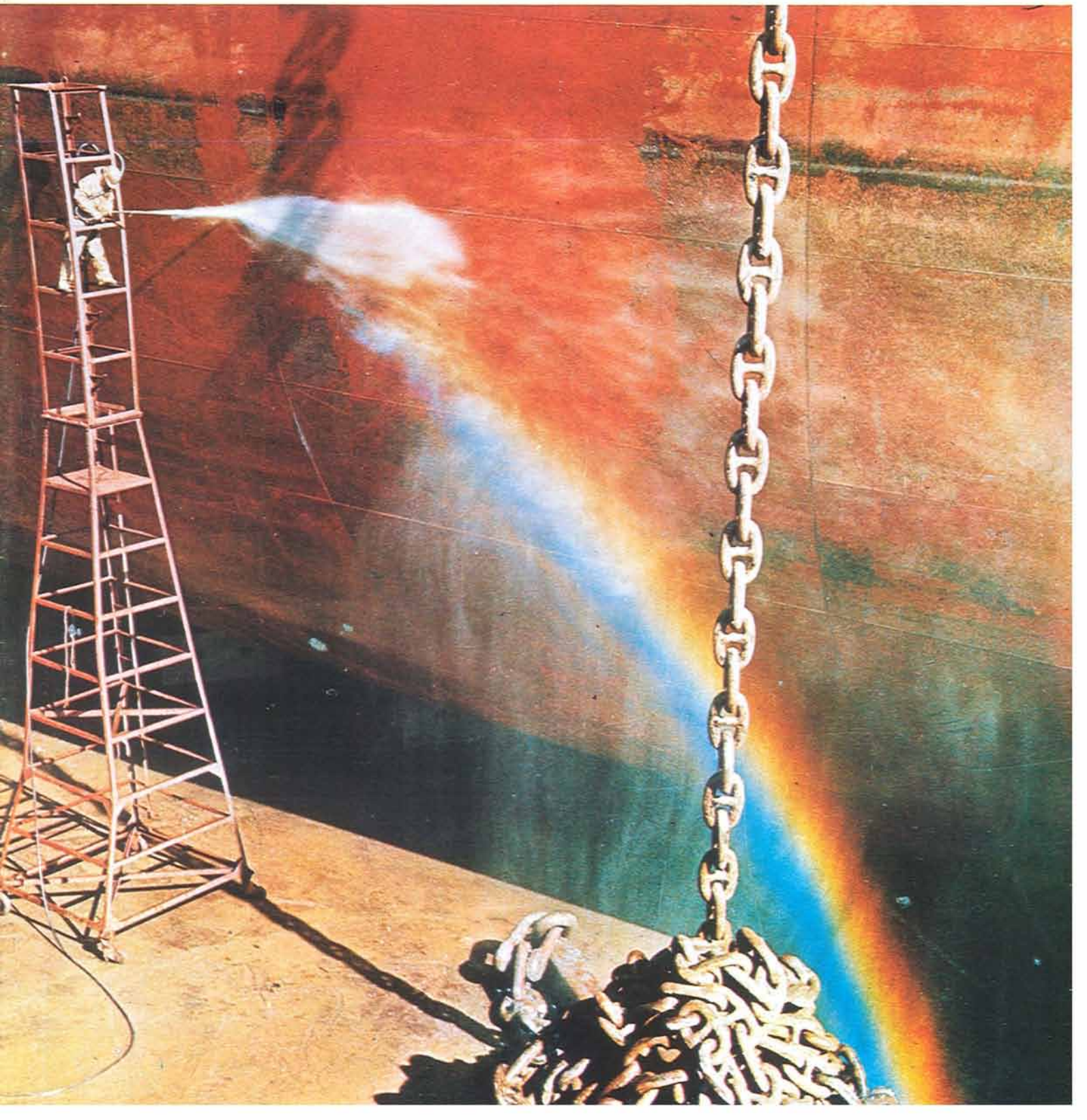
N.º 12 / SETEMBRO 1972 / ANO II

revista da ARMADA



sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
Redacção	**A Nossa Capa – «Arco Íris»**	4
M. Horta	**Efemérides Navais**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	4
R. Coentro	**Porto Santo, onde um dia Zarco...** A Praia	5
S. Machado/O. Lemos	**Versos Gravados no relógio da Catedral de Chester**	6
S. Elpídio/A. Chuquere	**A Pátria Honrai**	7
S. Elpídio	**Medalha Comemorativa do Cinquentenário da Travessia Aérea do Atlântico Sul**	8
O. Lemos	**Bibliografia**	9
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** DADA – *Um movimento artístico saído da 1.ª Guerra Mundial*	10
C. Moreira	**Ultramar** A Juventude Portuguesa de Angola prestou Homenagem a Silva Porto	13
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	15
J. Moniz/B. Mendes	**O Sangue dum valente transmontano regou a terra moçambicana**	16
M. do Vale	**Conversa entre marinheiros**	18
S. Machado/M. Horta	**Saibam Todos**	20
G. Brandão/A. Pinto	**Filatelia**	21
Redacção	**Voz da Abita**	22
P. Caeiro	**Desportos**	24
S. Elpídio	**Reportagem**	27
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 12 / SETEMBRO DE 1972 / ANO II

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

ARCO ÍRIS
(Foto de D. Maria de Lurdes Matos)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

UM SEGREDO

Antes de revelar o meu segredo, vou fazer umas ligeiras considerações que se relacionam com ele. Há pessoas que mudam de situação com a mesma facilidade com que mudam de camisa; fazem as malas, pegam na guia de marcha, dizem adeus aos que ficam e... aí vão eles satisfeitíssimos da vida servir outro patrão... Há outros que cada vèz que isso sucede se fartam de sofrer. E quando a mudança é do serviço activo para a reserva, o caso assume proporções de autêntica catástrofe! Deixar, de um dia para o outro, uma Corporação a que nos ligam tantas recordações, tantos trabalhos, tantas emoções e tanto amor é como morrer continuando vivo.

E agora vamos ao tal segredo que é prova insofismável do que acabo de dizer.

Em tempos servi sob as ordens de um dos tais oficiais «sentimentalões» que não gostam de mudar de situação. Tinha mais de 40 anos de serviço e ia passar à reserva.

Assisti à luta que se travou no seu espírito para encarar essa triste realidade.

Na véspera do dia D fui dar com ele no gabinete, debruçado sobre a secretária, de tal modo absorvido a escrever que nem deu pela minha entrada. Parecia um moribundo a fazer o testamento.

Aproximei-me e disfarçadamente olhei para o papel que ele tinha na frente. Eram louvores que ia dar aos colaboradores que considerava merecedores dessa distinção.

Duas lágrimas tinham caído sobre ele fazendo enormes manchas...

Nenhuma assinatura, nenhum selo branco poderia dar maior autenticidade àquele documento!

São assim os verdadeiros marinheiros!

M. dos Santos

a nossa capa
"ARCO ÍRIS"

A fotografia que ilustra a nossa capa obteve a Medalha de Ouro da secção A, classe 2 – fotografia a cores sobre papel, do IV Salão Internacional de Fotografia do Mar, organizado pela Federação Portuguesa de Actividades Submarinas e integrado nas comemorações do Dia da Marinha; é da autoria de D. Maria de Lourdes Matos, funcionária da LISNAVE.

A este certame apresentou a concorrente trabalhos de elevado nível que mereceram, além desta medalha de ouro, mais as seguintes: Medalha de Prata da secção e classe acima referidas e Medalha de Prata da secção A, classe 1 – fotografia a preto e branco.

Pelo brilhante conjunto de prémios obtidos foi atribuído a D. Maria de Lourdes Matos o MUREX DE OURO da secção A do IV Salão Internacional de Fotografia do Mar.

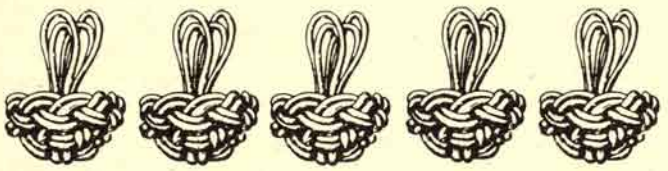
Efemérides Navais Relativas ao Mês de Setembro

Em 25 de Setembro de 1433, o infante D. Henrique obtém de seu irmão, o novo rei D. Duarte, o privilégio da pesca do atum e de todas as outras pescarias no Algarve.

Em 2 de Setembro de 1545, chega a Goa, D. João de Castro, 4.º vice-rei da Índia, herói que viria a distinguir-se em várias batalhas navais.

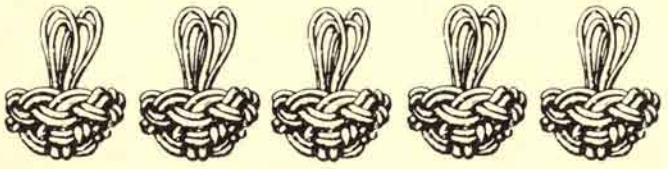
Em 22 de Setembro de 1874, naufraga em Macau, devido a um terrível tufão, durante o qual o barómetro desceu a 708 mb, a escuna «Príncipe D. Carlos», salvando-se toda a tripulação.

Em 11 de Setembro de 1914, saî do Tejo, com tropas para Moçambique, a fim de guarnecerem a fronteira norte daquela província, por motivo da Primeira Grande Guerra Mundial, um comboio, formado pelo paquete português «Moçambique», e pelo inglês «Durban Castle», escoltado pelo cruzador «Almirante Reis» e pelas canhoneiras «Ibo» e «Beira».



Perguntas... Com Cocha

1 – Águas amassadas estão prontas a ir ao forno?
2 – Águas de revés causam contrariedades?
3 – Agulha doida deve ser internada num hospício?
4 – E agulha preguiçosa deve ser castigada?
5 – Agulheiros fazem agulhas?
6 – As ajudas auxiliam em alguma coisa?
7 – Alcachinar-se é curvar-se pelo peso dos anos?
8 – A alcáçova é uma construção fortificada?
9 – Alça de papa-moscas come mesmo insectos?
10 – Alça de rabicho tem parentesco chinês?



Respostas... Descochadas

1 – Águas amassadas são águas turvas, barrentas.
2 – Águas de revés são correntes em sentido contrário ao da principal ou da maré.
3 – Uma agulha doida é uma agulha (de marear) de pouca estabilidade, oscilando demasiadamente com as guinadas rápidas e com o balanço do navio.
4 – Diz-se que a agulha é preguiçosa quando denota pouca sensibilidade magnética, não acusando ràpidamente as mudanças de rumo.
5 – Agulheiros são aberturas circulares ou elípticas no convés que dão entrada ao carvão nos paióis.
6 – As ajudas são forras ou reforços nos punhos e testas das velas.
7 – Alcachinar-se significa dobrar-se para vante, remando.
8 – Chama-se alcáçova ao segundo pavimento do castelo da popa entre o mastro da mezena e a antepara transversal de ré da tolda.
9 – A alça de papa-moscas é a alça que se aplica na curva do beque onde atesa o estai grande.
10 – Diz-se que uma alça é de rabicho quando o chicote por que termina forma rabicho, depois de descochado.

Porto Santo – Vista parcial da praia
(Foto de Francisco Ribeiro, do Funchal)

PORTO SANTO
onde um dia Zarco ... (III)

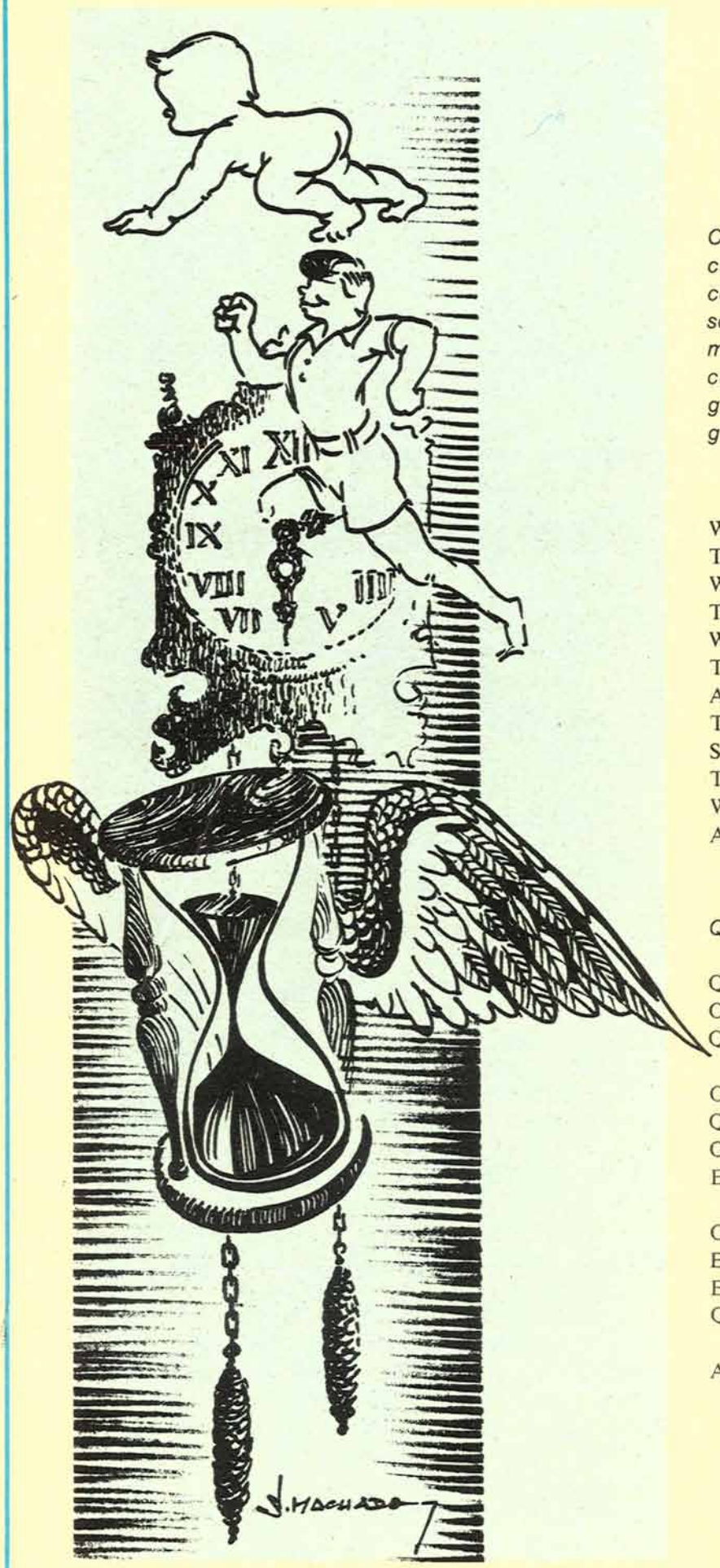
Escutando a melopeia
Dos rumores por entre a bruma,
Vejo um corpo de sereia
Deitada na fina areia,
Envolta por alva espuma!...

(R. F. Coentro)

A PRAIA

A magnífica praia da ilha do Porto Santo é uma das melhores da Europa. As suas características excepcionais, em que se evidenciam a dourada e fina areia, a sua extensão (9 km), a tranquilidade e apreciável temperatura das suas águas, a excelente exposição ao sol, a isenção da indesejável poluição, enfim, todo um conjunto de apreciáveis e benéficos dons naturais, dão-lhe o direito de ser considerada estância balnear de primeira grandeza.
As singulares propriedades terapêuticas das suas águas e areia atraem, na época estival, milhares de turistas, nacionais e estrangeiros, que, deitados no extenso areal ou mergulhados nas tépidas águas de suave ou nula ondulação, se deliciam desta pródiga oferta da Natureza, tão difícil de encontrar noutras paragens.
O clima, nem demasiado quente nem excessivamente frio, é duma benignidade considerável e tem operado milagrosas atenuantes em casos mais ou menos graves de paralisia ou poliomielite, razão por que não é raro verem-se pessoas que sofrem destes males com os membros afectados enterrados na areia aquecida por um sol radioso, com a cálida esperança de voltarem a possuir a perdida mobilidade, ou, pelo menos, de sentirem uma atenuação do seu sofrimento, facto que tem sido comprovado em muitos casos.
Por outro lado, as águas da praia, protegida dos rigores dos ventos pela região montanhosa do Norte, são propensas à prática dos desportos náuticos dentro da extensa baía que a constitui, atractivo este que nos oferece, no Verão, a grata presença de várias embarcações de recreio, fundeadas em frente da ponte-cais, num quadro de rara beleza, lembrando-nos que somos um país de marinheiros...
Mesmo durante o Inverno a ilha é demandada por numerosos turistas estrangeiros, principalmente os que são oriundos de países onde os rigores do Inverno são mais desagradáveis, aqui desembarcando numa antevisão de umas férias bem passadas em salutar contacto com a Natureza.
Os ares puros e desintoxicantes, absolutamente isentos da doentia poluição que grassa noutros meios populacionais, são aqui, no Porto Santo, uma das maiores riquezas naturais, o que nos dá a agradável sensação de vivermos num oásis maravilhoso, tão sòmente perturbado por uma ou outra carência de ordem socio-económica de que o ritmo da vida moderna não se compadece, e que nós, ingratos e insatisfeitos, juízes auto-suficientes e austeros no que diga respeito aos outros, apontamos de forma intransigente, de polegar para baixo...
A praia do Porto Santo é, sem dúvida, a sala de visitas da ilha e, se pergaminhos tivesse, neles estariam inscritos os nomes de João Gonçalves Zarco e de Tristão Vaz Teixeira, os seus valorosos descobridores e grandes marinheiros da escola do Infante; os de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral, gloriosos marinheiros aviadores que nesta praia viveram momentos de extraordinária emoção; e toda uma plêiade de ilustres mareantes portugueses, cujos navios aqui fundearam por esta ou aquela razão.

R. F. Coentro



Com a difusão da língua inglesa, cuja necessidade na Marinha encontrou resposta através de cursos especiais que estão sendo ministrados, julga-se não ser descabido apresentar na forma original os versos gravados num relógio antigo da catedral de Chester:

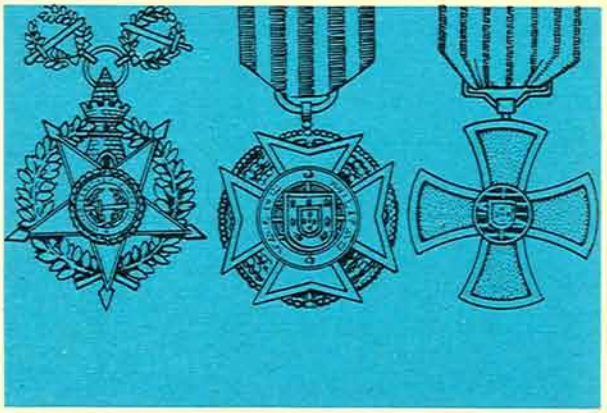
When as child I laughed and wept
Time crept.
When as a youth I dreamed and talked
Time walked.
When I became a full grown man
Time ran.
And later, as I older grew
Time flew.
Soon I shall find while travelling on
Time gone.
Will Christ have saved my soul then?
Amen...

Que se diria em português:

Quando, em criança, ria e chorava
O tempo gatinhava.
Quando, em jovem, sonhava e con-
[versava
O tempo caminhava.
Quando já homem adulto parecia
O tempo corria.
E mais tarde, quando velho me tor-
[nava
O tempo voava.
E cedo um dia virá
Em que o tempo acabará.
Que Cristo então leve minh'alma em
[bem
Amen...

Citação de S. Machado
Tradução de O. Lemos

a Pátria honrai



A concessão da medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe ao 1.º-tenente MANUEL AMÂNDIO FRANCISCO PINA constitui a justa recompensa para o conjunto de qualidades demonstradas em combate e que o acreditam como um oficial que honra a Corporação a que pertence: grande coragem, sangue frio, agressividade, decisão, serena energia debaixo de fogo e desprezo pela vida. Oficial imediato do Destacamento n.º 6 de Fuzileiros Especiais, comandando o seu grupo de assalto e, muitas vezes, o próprio destacamento, e ocupando sempre as posições de maior risco em inequívoca demonstração de valentia frente ao inimigo, contagiou o pessoal com a sua força de vontade e desejo de obter sucessos compensadores, sabendo vencer as dificuldades e situações adversas e tendo conseguido pelo seu exemplo afirmar-se como um excelente condutor de homens. De todas as operações em que interveio, é de destacar a sua excepcional actuação conduzindo em uma delas o pessoal do destacamento através de campos minados, incutindo aos seus homens, completamente desanimados, grande ânimo e coragem que os levou a prosseguir e a atingir o objectivo inicialmente determinado, numa afirmação absoluta de realização de espírito de missão.

N. R.: O 1.º-tenente FRANCISCO PINA é natural de Palhais, concelho do Barreiro, distrito de Setúbal.

CRUZ DE GUERRA

1.ª classe

1.º ten. Fernando Alberto Gomes Pedrosa – Guiné (1971)

2.ª classe

2.º ten. AN Hernâni Vidal Resende – Angola (1971)

3.ª classe

1.º ten. FZ João Eduardo da Costa Xavier – Guiné (1971)
6747/1.º sarg. FZE – Daniel Joaquim Rodrigues – Angola (1972)
456/64/Mar. FZE – Henrique Candeias Casimiro – Guiné (1970)

4.ª classe

2.º ten. RN Manuel Augusto Lopes – Moçambique (1969)
434/65/Mar. FZE – Carlos Alberto de Carvalho – Guiné (1971)
798/64/Mar. FZE – António Soares dos Santos – Guiné (1970)
10746/Mar. FZ – Joaquim Luís Rocha Rabasqueira – Guiné (1971)
1436/67/Mar. FZE – José Carlos – Moçambique (1971)
1184/67/1.º gr. FZE – Fernando Valente Maia – Moçambique (1971)

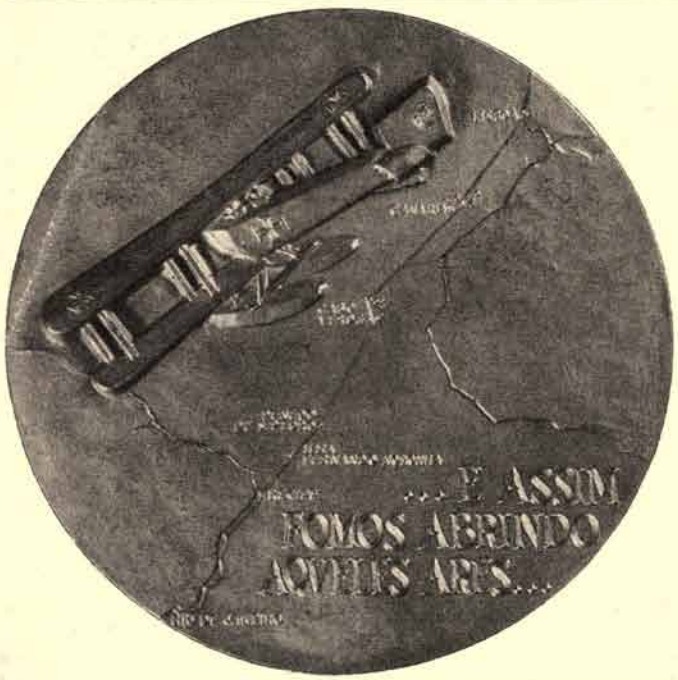
Medalha Comemorativa do Cinquentenário da Travessia Aérea do Atlântico Sul

A Comissão Nacional das Comemorações do Cinquentenário da I Travessia Aérea do Atlântico Sul mandou cunhar uma medalha em celebração do glorioso feito levado a cabo pelos heróicos oficiais da Armada, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, cujos elementos são os seguintes:

Memória descritiva

Anverso

No chão central da medalha, as efígies de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, na carlinga do avião.
No exergo, ocupando toda a área do mesmo, a legenda PRIMEIRA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL.
Ao centro, em baixo e ainda no exergo, as datas 1922-1972.
À direita, em baixo, a assinatura do autor.



Reverso

O hidroavião «Lusitânia» sobrevoando o Atlântico, sobre uma rota traçada entre Lisboa e o Rio de Janeiro.
Os dois continentes ligados naquela viagem estão gravados partindo dos cantos opostos.
Em baixo, a legenda ...E ASSIM/FOMOS ABRINDO/ /AQUELES ARES...

Notas biográficas

O almirante Carlos Viegas Gago Coutinho nasceu em Belém em 17 de Fevereiro de 1869, sendo filho do escrevente da nau «Vasco da Gama».
Serviu como instrutor em vários navios de vela, tendo ainda embarcado no transporte «Pero de Alenquer», nas corvetas «Mindelo», «Rainha de Portugal» e «Duque da Terceira» e nas canhoneiras «Zaire», «Zambeze» e «Douro». Efectuou a viagem de Lisboa a Lourenço Marques, pela rota de Vasco da Gama, na «Pero de Alenquer».
Foi comandante da «Logé», em Angola, da «Sado», na Índia e da «Pátria», em Macau e Timor.
Em 1898 inicia a vida de geógrafo, na fronteira de Timor, efectuando em 1900 a delimitação da fronteira do Niassa, em 1904 uma missão de fronteiras em Tete e em 1907 a famosa triangulação geodésica de Moçambique – 800 quilómetros de triangulação impecável. Realiza depois a dupla travessia da África, 5200 quilómetros a pé, nova missão de fronteiras no Barotze, o levantamento geodésico de S. Tomé e outra missão de 2000 quilómetros de fronteiras.
Navegador do hidroavião «Lusitânia» na Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul, realizada em 1922 com Sacadura Cabral, inventou em 1921 o astrolábio de precisão para a navegação aérea.
Foi historiador dos Descobrimentos, autor de «A Náutica dos Descobrimentos» e de numerosos estudos, tendo interpretado a rota de Vasco da Gama descrita em «Os Lusíadas».
Faleceu em Lisboa, em 18 de Fevereiro de 1959.

O capitão-de-fragata aviador Artur de Sacadura Freire Cabral nasceu em Celorico da Beira em 18 de Junho de 1881, tendo sido o primeiro aluno do seu curso na Escola Naval.
Serviu no cruzador «S. Gabriel» em Moçambique e foi comandante das lanchas-canhoneiras «Sabre» e «Lacerda», tendo recebido vários louvores por actos de bravura.
Efectuou o levantamento hidrográfico da baía de Lourenço Marques, tendo participado, como topógrafo, na rectificação da fronteira entre o Transvaal e Moçambique. Fez parte da Missão Geodésica de Moçambique, com Gago Coutinho como chefe, de 1907 a 1910; colaborou nos trabalhos de agrimensura de Angola e na missão de fronteiras do Barotze.
Foi um dos primeiros sete aviadores militares portugueses (1915), o primeiro aviador de Marinha e o criador da Aviação Marítima. Director da Aeronáutica Naval, realizou várias viagens aéreas, comandando aviões de Marinha do Norte da Europa para Portugal. Foi o organizador da viagem aérea experimental Lisboa-Funchal, em 1921, e comandante do avião, assim como organizador e chefe da viagem aérea Lisboa-Rio de Janeiro, em 1922.
Desapareceu no Mar do Norte, em 15 de Novembro de 1924, quando pilotava um hidroavião a caminho de Lisboa.

N.R.: *A presente medalha poderá ser adquirida na Rua D. Pedro V, n.º 62 – Lisboa, ao preço de 300$00 cada exemplar.*

---

bibliografia

MEMÓRIAS – Edição do Grupo de Estudos de História Marítima, Lisboa – 1971

O Grupo de Estudos de História Marítima, integrado no Centro de Estudos de Marinha, fez editar a obra em epígrafe, que reúne algumas das mais importantes comunicações que foram trazidas a público até ao ano de 1971.
Inclui um longo e documentado estudo comparativo da viagem de António Saldanha em 1503 e da rota de Vasco da Gama no Atlântico Sul, da autoria do comandante Teixeira da Mota. António Saldanha conseguiu, apesar de se ter lançado no golfo da Guiné até à ilha de S. Tomé (por motivo de condições adversas ou erro do piloto), alcançar o cabo da Boa Esperança com a clássica volta por sudoeste a partir daquela ilha.
As restantes comunicações versam os temas seguintes:
– «Achegas para o estudo da Construção Naval durante os séculos XVII e XVIII na Ribeira do Ouro – Porto», da autoria da prof.ª doutora Virgínia Rau;
– «Saveiros da Baía», pelo eng. Santos Simões;
– «Descobrimento e Cartografia das Ilhas de S. Tomé e Príncipe» pelo prof. doutor Armando Cortesão;
– «Caíques do Algarve no Sul de Angola», longo e exaustivo estudo da autoria do dr. Alberto Iria, director do Arquivo Histórico Ultramarino.

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ILHA DE S. TOMÉ – Edição do Centro de Estudos de Marinha, Lisboa – 1971

Em comemoração do V Centenário do Descobrimento da Ilha de S. Tomé, o Centro de Estudos de Marinha fez editar esta obra que compreende alguns estudos levados a efeito pelos seguintes autores:

– Prof.ª doutora Virgínia Rau, sobre «O açúcar de S. Tomé no segundo quartel do Século XVI;
– Eng. Viriato Campos, sobre «Os dias de descobrimento das ilhas de S. Tomé e Príncipe»;
– Comodoro Santos Júnior, sobre «O povoamento da ilha de S. Tomé»;
– Dr. João da Gama Pimentel Barata, sobre «Achegas para a arqueologia naval portuguesa do século XVI colhidas em documentos respeitantes à ilha de S. Tomé» e ainda o resumo do colóquio sobre o «Descobrimento, povoamento e produção de açúcar e respectivo comércio da ilha de S. Tome nos séculos XV, XVI e XVII», levado a efeito em 19 de Fevereiro de 1971.

O RÉGULO TIMORENSE D. ALEIXO CORTE-REAL, por Humberto Leitão

Em edição do Grupo de História Marítima (Lisboa, 1970), foi publicado este trabalho de Humberto Leitão, valioso contributo para o conhecimento da figura e personalidade do heróico timorense.

O MAR – original de Alain Grée

A Verbo publicou recentemente, no âmbito da literatura para crianças, a bela obra de Alain Grée – «O Mar».

O MUNDO DAS PLANTAS

A Verbo acaba de lançar o 7.º volume de «O Mundo das Plantas», colecção de livros para adolescentes e jovens.

POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO XII A 1915, coligida por Cabral do Nascimento

Fazendo parte da Biblioteca Básica Verbo – Livros RTP, apareceu há pouco esta antologia que nos fornece uma bela amostragem da panorâmica da poesia portuguesa.

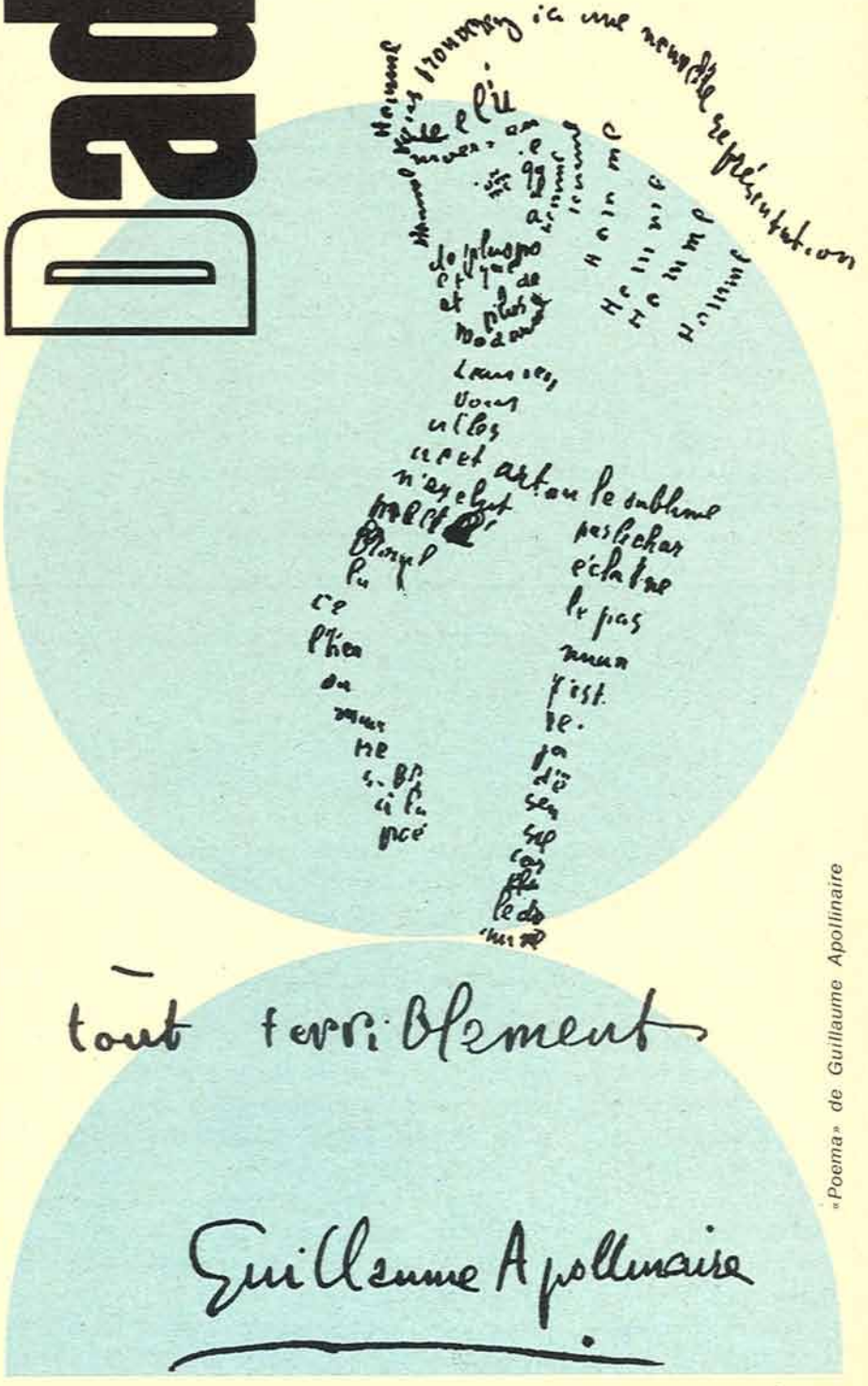
O. Lemos

---

ciências artes e letras

um movimento artístico saído da 1ª Guerra Mundial

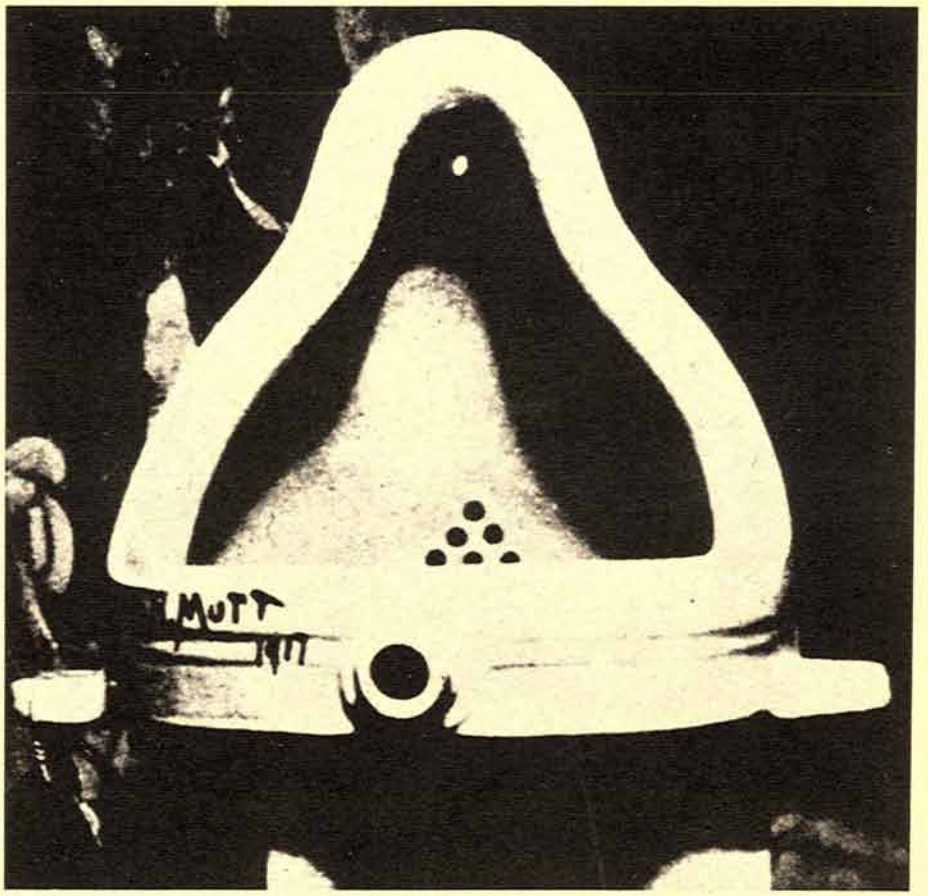
DADA



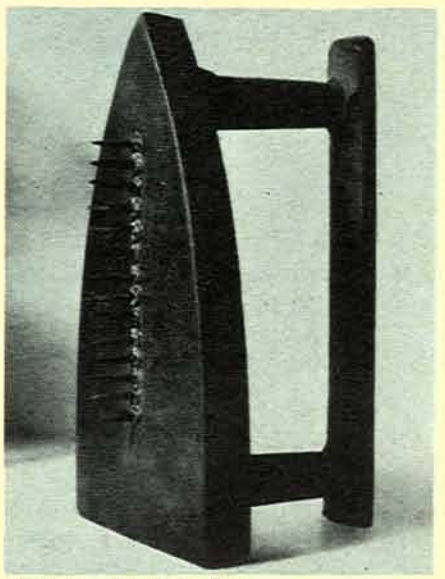
«Poema» de Guillaume Apollinaire

Poucas vezes o mundo da arte foi sacudido tão violentamente como a partir de 1916. Quer na Europa quer na América, o grito de guerra era DADÁ. Este nome, sem significado especial, foi usado em primeira mão pelos membros do Cabaret Voltaire, em Zurique – cenáculo onde se reuniam artistas imigrados por motivo da guerra e que fora fundado pelo poeta romeno Tristan Tzara. Dele faziam parte escritores e artistas como Hugo Ball e Hans Arp. A finalidade deste movimento tanto artístico como literário era a formulação do seu veemente protesto contra toda a espécie de convenções sociais e culturais vigentes. Pretendiam libertar a arte de todas as peias e convencionalismos instituídos por uma sociedade que decretara determinados gostos e padrões artísticos. Este grupo de artistas realizava espectáculos e exposições que escandalizaram toda a gente pela deliberada extravagância das obras expostas que, para as audiências de então, tocavam as raias do absurdo. Expuseram nos seus salões artistas como Arp, Chirico e Ernst, que mais tarde enveredaram pelo surrealismo; Kadisnsky, que abriu as portas à pintura abstracta: Kokoschka, qúe veio a fixar-se no expressionismo, e Picasso, que não se fixou em nada e que, passando por tudo, permaneceu único.

O público era convidado para sessões de promoção cultural e esclarecimento dos objectivos do dadaísmo e não raro era insultado pelos artistas que não perdiam a oportunidade de lhe frisar a estupidez burguesa dotada de antolhos que não lhe permitiam descortinar os vastíssimos horizontes reservados à arte do futuro. Sucederam-se os manifestos e revistas de natureza anticonformista em que veladamente transparecia também um protesto contra a guerra e os sistemas sociais que a promoviam. O mesmo espírito animava na América os artistas que se reuniam em torno de Picabia e Marcel Duchamp, figuras centrais do dadaísmo em Nova Iorque. Picabia fundou uma revista que provocou escândalo. Num dos números, havia uma reprodução da «Mona Lisa» de Da Vinci a que acrescentaram um bigode e uma alusão obscena. Noutra página, puseram a um borrão de tinta o título inacreditável de Virgem Santíssima! O objectivo era ridicularizar a arte tradicional; destruir para construir uma arte nova. Marcel Duchamp era o paladino da democratização da arte,



«Fonte» de Marcel Duchamp



«Prenda» de Man Ray

pretendendo apeá-la da situação singular que a sociedade lhe pretendia dar. Com Man Ray elegeu à categoria de artísticos objectos de uso comum, feitos em série, os *ready-made*, que apresentavam fora do seu contexto normal, com ou sem qualquer modificação. É o caso de «roda de bicicleta», de «urinol» (com o nome de fonte) de Duchamp; de «prenda» de Man Ray (que deliberadamente foi inutilizada como objecto de uso corrente) e das colagens que se desenvolveram a partir de então, lançando mão de todos os materiais litografados ou impressos. A caricatura, o desenho incisivo e mordaz, a montagem fotográfica e cinematográfica foram explorados ao máximo. A crise do pós-guerra, mercê do seu clima social específico, veio possibilitar uma enorme expansão do movimento DADÁ. Passou à Alemanha, fixando-se principalmente em Berlim e Colónia, onde a polícia se viu obrigada a fechar algumas exposições e a dissolver espectáculos de promoção artística. A Rússia,

«O Pai» (fotografia e montagem) de Hannah Höch

«Noiva anatomia – a anatomia» de Max Ernst

DadA

Polónia, Checoslováquia e Itália também foram sensíveis ao dadaísmo. Por fim a França forneceu terreno fértil para o desabrochar fecundo de todas as novidades. Tzara deslocou-se a Paris e reuniu á sua volta grande número de poetas e artistas. Foi então que o dadaísmo conheceu o maior número de publicações, manifestações culturais e exposições. Todas se empenhavam em escandalizar e confundir, por vezes com gestos de insólita provocação, o bom senso da burguesia. Os poemas DADÁ tomaram aspectos e formas absolutamente inconcebíveis – as mais das vezes tomando o aspecto de uma solfa indecifrável. Não raro as palavras se dispunham de maneira a formar um desenho ou figura ou traduziam mesmo o movimento do objecto do poema (as ondas no caso do mar) como acontecia em Apollinaire e com o nosso Sá Carneyro.

Depois de uma fase intensa de renovação e criação, havendo experimentado pràticamente tudo, o dadaísmo entrou em crise. No entanto, as suas energias e potencialidades não se esgotaram e puderam ser canalizadas para outros movimentos dele decorrentes como o expressionismo, o surrealismo e a arte abstracta. DADÁ todavia não morreu e poetas e artistas como Tzara e Hans Arp permaneceram-lhe sempre fiéis. DADÁ foi o animador, pelos anos fora, até aos nossos dias, de tudo o que em arte era inconformismo, abandono do tradicional e procura de novas expressões estéticas. Àparte os seus aspectos meramente negativos que chegaram à pretensão de destruir a arte como tal, o dadaísmo teve saldo francamente positivo e só por ter aberto as portas ao surrealismo e à arte abstracta tem jus a um lugar de honra na história da arte contemporânea.

E hoje em dia, movimentos como a *pop* arte e *op* arte não desdenham mergulhar as suas raízes no terreno fecundado pela arte DADÁ. O dadaísmo atacou e venceu essa fortaleza que era a arte estabelecida e oficializada. Depois dele o artista pôde ser, realmente, de uma independência total no plano da criação. E não há dúvida de que a arte só tem a ganhar com isso...

O. Lemos

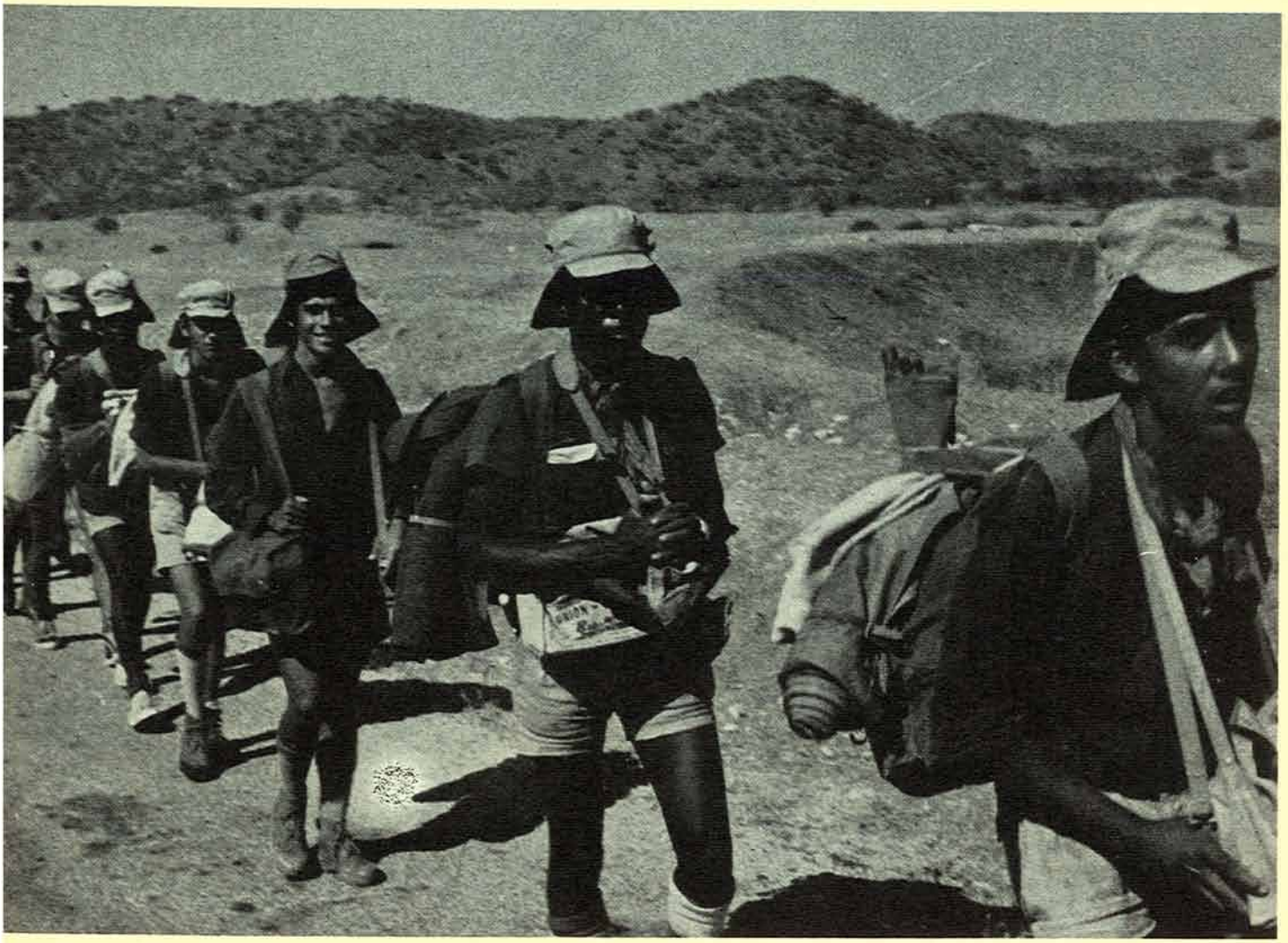
A juventude portuguesa de Angola prestou homenagem a SILVA PORTO

marcha campista de 600 km

Nas comemorações do cinquentenário da cidade capital do Bié quis um grupo de jovens estudantes de Angola prestar uma significativa homenagem ao patrono daquela cidade, reconstituindo a última viagem que o sertanejo fez de Belmonte (nome por que designou o local da sua embalada) a S. Filipe de Benguela, mãe das cidades desta Província. Tratou-se duma marcha campista realizada ao longo de seiscentos quilómetros, em que foram atravessados os enormes distritos do Bié, Huambo e Benguela, numa caminhada que durou 22 dias.

O grupo que se lançou através dos matos do Planalto Central angolano, em direcção às praias do litoral, era constituído por trinta jovens, dos 17 aos 18 anos, sendo vinte de Nova Lisboa, cinco de Silva Porto e cinco de Benguela, representando pois os três distritos percorridos.

A partida foi feita de Silva Porto, a 10 de Junho, Dia de Portugal, antecedida duma «chama» e velada na embala do sertanejo, deposição dum ramo de flores no seu monumento e



colocação duma lápida de bronze na antiga residência do homenageado, que tem a legenda: «DAQUI PARTIRAM TRINTA JOVENS DE ANGOLA NUMA MARCHA CAMPISTA DE HOMENAGEM A SILVA PORTO. 10-6-72».

O longo trajecto foi feito em etapas que oscilavam entre os 30 e 35 quilómetros, e seguiram o itinerário: Embala, Cuquema, Cangala, Bela Vista, Candumbo, Nova Lisboa (onde tiveram uma carinhosa recepção e depuseram um ramo de flores no monumento do fundador), Vila Verde, Longonjo, Cuma, Babaera, Ganda (onde igualmente foram recebidos com várias festividades), Cubal, Caimbambo, Catengue, Quilómetro 45, da nova estrada Benguela/Cubal, Quilómetro 12 e, finalmente, entrada na mais antiga cidade de Angola.

As populações da bela urbe de S. Filipe não deixaram os seus créditos por mãos alheias e prestaram ao grupo de filiados da Mocidade Portuguesa uma calorosa e explosiva recepção, com ribombar de morteiros e a banda do Cacequel. Ouviram missa na capelinha da Senhora dos Navegantes, onde o Rev. Padre Cardiga, assistente da M.P., exaltou em homilia o feito que igualava a coragem e o espírito de sacrifício daqueles jovens, aos mais arrojados pioneiros do nosso Ultramar.

À noite, nas ruínas da antiga habitação de Silva Porto foi feita uma «chama de Mocidade», a que assistiram entidades oficiais e muitas centenas de pessoas. No início da «Chama» foi descerrada pelo governador do distrito, coronel Franco do Carmo, uma placa em bronze, onde se lê: «AQUI CHEGARAM TRINTA JOVENS DE ANGOLA VINDOS DA EMBALA BELMONTE NUMA MARCHA CAMPISTA DE HOMENAGEM A SILVA PORTO. 1-7-72».

Durante a longa jornada a subsistência dos jovens era feita com refeições oferecidas aos caminheiros pelas populações por onde passavam, ou recorriam a rações de reserva também oferecidas pelos Serviços Militares de Angola, transportadas pelos interessados. Da mesma forma os jovens rapazes transportavam todo o seu material, de maneira a bastarem-se a si próprios, muito especialmente em material de campo, medicamentos e alimentos.

Em comemoração desta interessante iniciativa, que bem caracteriza a mentalização necessária a uma juventude que vê à sua frente uma guerra para vencer, mandou o Comissariado Provincial cunhar uma medalha comemorativa, que fica a dignificar mais uma realização da juventude de Portugal em Angola.

Cecílio Moreira

N. R. – Cecílio Moreira foi marinheiro e encontra-se hoje em Angola, sendo director do Lar de Estudantes «Calouste Gulbenkian», de Nova Lisboa.

notícias pessoais

PASSAGENS À RESERVA

Cap.-m.-g. Carlos Alberto da Fonseca colocado na situação da Reserva da Armada desde 24-5-72.
Cap.-ten. Osvaldo José Martins do Patrocínio colocado na situação da Reserva da Armada desde 18-5-72.
1.º-ten. SG António Ferreira colocado na situação da Reserva da Armada desde 22-5-72, continuando na efectividade do serviço.
Sarg.-aj. L – A. Sousa passou à Reserva Aa em 5-7-72.
Sarg.-aj. ACM – J. Rabaça passou à Reserva Aa em 7-7-72.
Sarg.-aj. A – A. Mendes passou à Reserva Aa em 23-6-72.
1.º-sarg. A – A. Azevedo passou à Reserva Aa em 26-6-72.
2.º-sarg. S – F. Neto passou à Reserva Ab em 15-6-72.
1037/C. T – Guerreiro passou à Reserva Aa em 21-6-72.
3918/C. M – Martins passou à Reserva Ab em 5-7-72.
251/65/C. L – Branco passou à Reserva Ab em 5-7-72.

FALECIMENTOS

Cap.-m.-g. RAa Rogério de Almeida e Vasconcelos Pinto faleceu em 30-6-72.
1.º-sarg. A Ref. – Luís Viegas faleceu em 23-6-72.
1.º-sarg. B Ref. – José Alexandrino faleceu em 23-6-72.
1.º-sarg. C RAa – António da Costa faleceu em 6-6-72.
2568/C. R – Baptista faleceu em 9-7-72.
340/70/1.º-gr. AE – Alves faleceu em 6-6-72.
António Nunes dos Santos, cabo de mar de 3.ª classe, do QPC, faleceu em Julho de 1972.

CASAMENTO

No passado dia 9 de Julho realizou-se na Ermida de S. Jerónimo, no Restelo, o casamento do capitão-tenente Orlando Junça com a senhora D. Brigitte Marie Papi.
O ministro da Marinha apadrinhou o acto, que teve a presença de muitos camaradas e amigos daquele oficial.
O comandante Junça deixa a redacção da «Revista da Armada» por partir brevemente para comissão de serviço no Ultramar. Dedicado colaborador desde o primeiro momento, a ele se ficam a dever muitas iniciativas que estiveram na base do êxito que até agora a nossa publicação tem conhecido, pelo que é com desgosto que a «Revista da Armada» regista o seu afastamento.

Ao comandante Junça e a sua Exma. esposa desejam todos quantos trabalham na «Revista da Armada» muita saúde e uma boa comissão.

CASAMENTOS

Subten. RN Alfredo Augusto Cunhal Gonçalves Ferreira casou, em 6-4-72, com D. Maria Cristina Gimenez Salinas Moreira.
Asp. RN João Frederico de Saldanha de Carvalho e Meneses casou, em 26-5-72, com D. Maria Tereza de Mello Fernandes de Oliveira.
Asp. RN Virgílio Manuel Cunha Folhadela Moreira casou, em 3-6-72, com D. Maria José Ribeiro do Vale Guimarães.
Asp. RN Luís Alberto Pires de Moura casou, em 3-6-72, com D. Maria José Rodrigues Coelho.
1.º-sarg. FZ – Rodrigues casou, em 4-6-72, com D. Maria de Fátima C. Toledo.
2.º-sarg. AES – Jorge casou, em 14-5-72, com D. Gertrudes Maria G. Lopes.
1571/65/Mar. FZE – Duarte casou, em 20-5-72, com D. Maria Angélica F. Semedo.
240/67/Mar. CM – Castelhano casou, em 6-5-72, com D. Maria Feliciana C. Lopes.
2353/70/1.º-gr. M – Ribeiro casou, em 6-5-72, com D. Maria Guilhermina S. Figueiredo.

O Sangue dum valente transmontano regou a terra moçambicana

TEXTO COMPILADO DE DADOS FORNECIDOS POR J. CARDOSO MONIZ
ADAPTAÇÃO E DESENHOS DE BAPTISTA MENDES

O 1.º-sarg. FZE Manuel Joaquim Borges era natural da freguesia de Carva, concelho de Murça, distrito de Vila Real. Dotado de profundo espírito de disciplina, sangue frio impressionante, vontade forte e indomável, era, de facto, um rijo transmontano.
Não admira, portanto, que se tornasse logo notado no contacto com camaradas e superiores, que muito apreciavam a sua correcção. Nas operações em que entrou, o sargento Borges estava sempre na brecha...

...como na operação «Bimbo», em que o seu GA se emboscou numa zona falha de informações devido a fortes recontros anteriores terem levado o inimigo a mudar o sistema de actuação e organização no terreno...
– Atenção, vêm aí quatro homens...
Consciente da importância que teria a captura de elementos vivos que fornecessem as informações desejadas, o sargento Borges saltou para a picada disposto a capturá-los...
Dois inimigos tentaram resistir e foram abatidos.
Os restantes foram capturados.
- BAPTISTA MENDES 1972 -

Noutra operação, «Nau», após uma noite sempre a andar, dois GA, muito desfalcados, entraram numa base inimiga às 4 da manhã. Reinava profundo silêncio...

– Pela forma como deixaram isto, vê-se que fugiram precipitadamente...

De repente...

– Estamos a ser atacados!

O fogo inimigo irrompera de todos os lados. Escolheu-se a zona mais arborizada para forçar a passagem. Não há grande resistência. Mais à frente...

– Caímos numa emboscada!

O sarg. Borges, ao ver o perigo que todos corriam, lançou-se denodadamente na direcção do inimigo ziguezagueando, fazendo fogo e pondo-o em debandada.

Havia que evacuar os feridos. Como não estivessem a ser ouvidos pela rádio, o sarg. Borges, com mais sete homens, foi ao aldeamento mais próximo, distante 30 km, buscar auxílio. Horas depois todos os feridos eram evacuados de helicóptero.

Em outras operações, quase meia centena, entrou o sarg. Borges, até que, em 25 de Agosto de 1969, na última que se fazia na serra Mapé...

– Abrigue-se, sr. Borges!

Mas o abrigar-se não era com ele. Aguardou o presumível inimigo a pé firme. De repente...

A explosão duma mina atirou o valente fuzileiro e mais 4 camaradas a distância. Estavam todos gravemente feridos. Foi pedido imediato auxílio pela rádio, tendo sido evacuados de helicóptero.

Durante 20 horas aquele gigante lutou com a morte no hospital de Mueda. Quando já parecia ter vencido mais essa batalha, sucumbiu perante a dor dos seus camaradas e amigos.

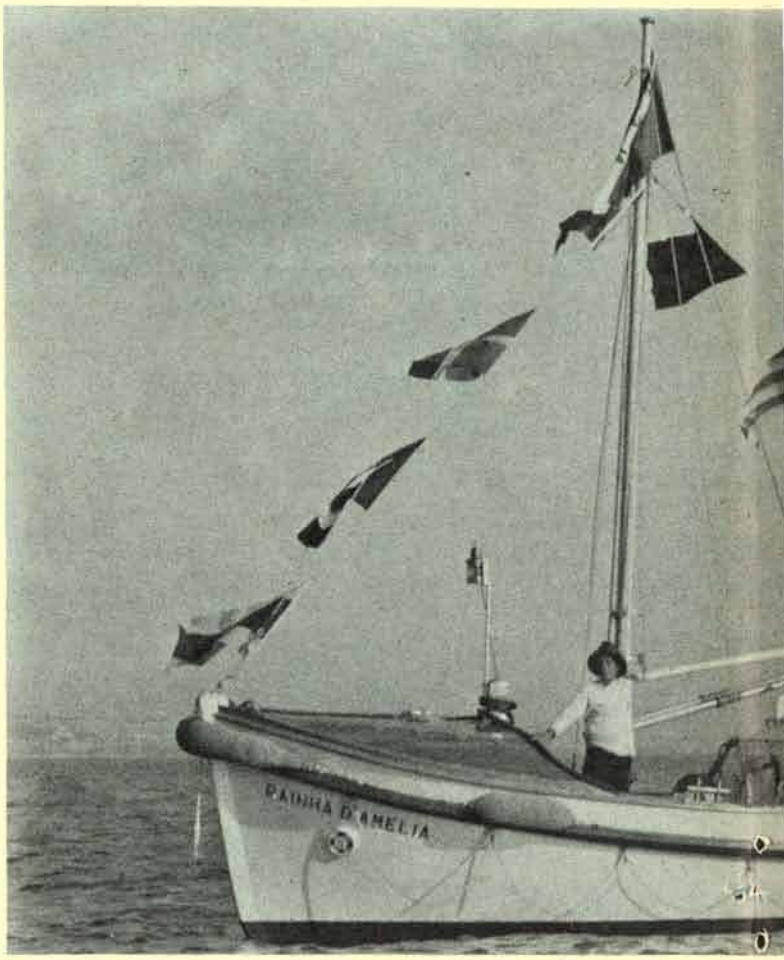
Justamente louvado foram-lhe concedidas a título póstumo as medalhas de cobre de Valor Militar e de Serviços Distintos, ambas com palma, a juntar à Cruz de Guerra de 3.ª classe, já atribuída em 1968.

Conversa Entre Marinheiros

Não é marinheiro quem quer... É marinheiro quem navega, quem suporta ventos e tempestades... dizia eu numa das minhas últimas «Notas de Abertura». E é marinheiro também, digo eu agora, quem consagra a sua vida a salvar a dos outros arrostando perigos e canseiras que só os que são do ofício sabem avaliar.
É o caso do patrão Casaca que tive a honra de condecorar com a medalha de ouro de Coragem, Abnegação e Humanidade, no Dia da Marinha.
No seu peito valoroso, onde já havia 8 de prata e 11 de cobre, foi mais uma jóia a luzir no azul ferrete da farda, que há-de ser mortalha deste grande lobo do mar.

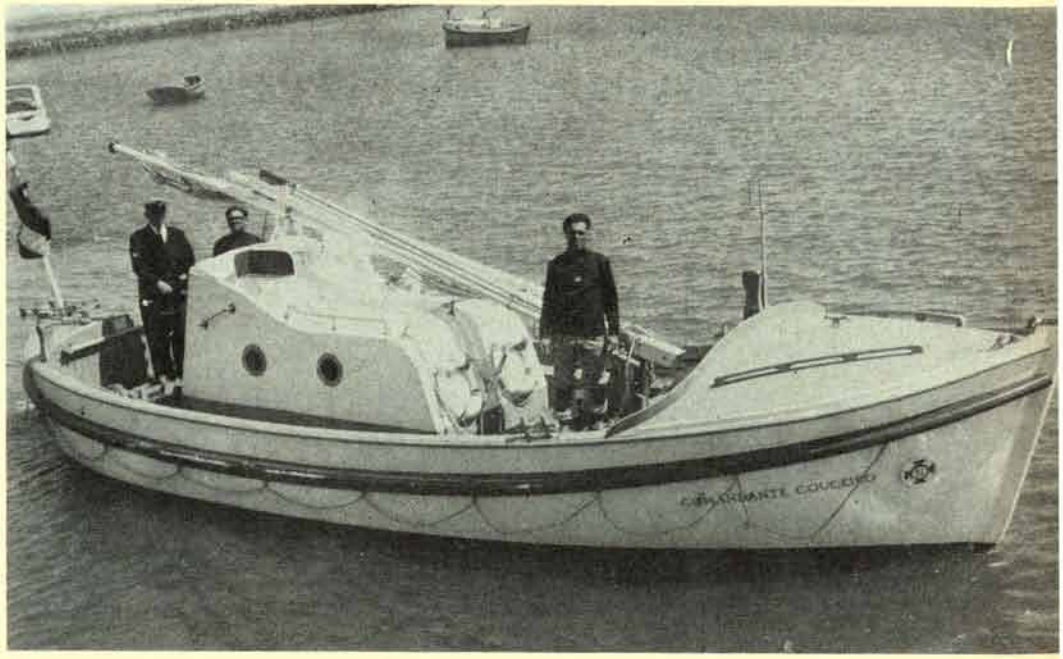
É verdade que a nossa Revista é da Armada, mas a Armada é grande e tem muitos ramos de actividade. O Instituto de Socorros a Náufragos é um deles. Por isso o patrão Casaca é também dos nossos... e é com orgulho que o apresentamos.
Olhos azuis, talvez de tanto olharem o mar, corpo magro, tez morena, cabelo e bigode brancos, rijo nos seus 81 anos, o patrão Joaquim Alberto Casaca é o autêntico tipo do homem da borda d'água. Quando anda, balança o corpo, dando ideia que não foi feito para andar em terra.
É casado e tem 3 filhos vivos. Tinha outro que morreu aos 19 anos esmagado debaixo dum salva-vidas que estava a limpar. Tem 8 netos, 3 na Argentina e 5 em Olhão, sua terra natal. Nasceu pobre, e pobre continua. A sua fortuna resume-se à família, às 19 medalhas que com tanto risco conquistou e ao mar tão grande e todo dele!

Tinha 17 anos quando foi para a pesca. Começou em Setúbal nos galeões a remos, da sardinha (os precursores das actuais traineiras). Vinte anos navegou nestes mares. Tinha pois 34 ou 35 quando passou para a pesca em barcos a vapor, em Lisboa. Pouco tempo depois regressou finalmente ao seu Algarve para «andar à sacada».
Estava feito um grande marinheiro e reconhecidos os seus méritos. Por isso não admira que lhe propusessem entrar para o Instituto de Socorros a Náufragos, como patrão do salva-vidas da Estação da Ilha da Culatra.
O primeiro que lhe calhou governar foi o «Olhão», em 1926. É um belo barco, feito em Pedrouços, ainda hoje ao serviço no posto de Tavira.

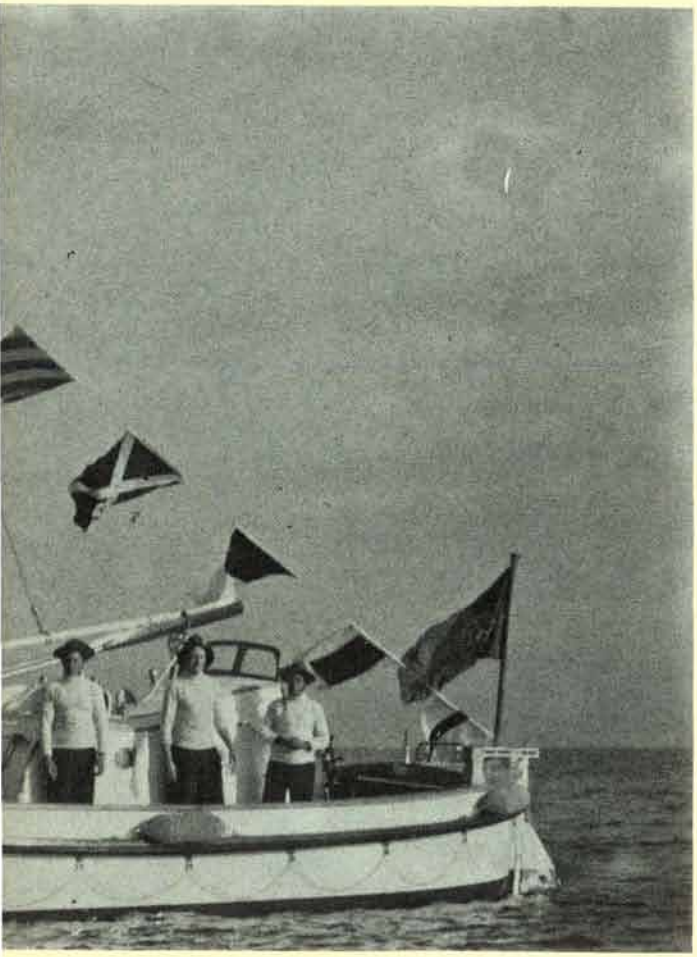


O «Rainha D. Amélia» após o baptismo e lançamento ao mar

Andou 2 anos nele, passando depois a governar o «Gago Coutinho», um maravilhoso salva-vidas comprado na Alemanha que teve um fim inglório. A certa altura, encontrava-se fundeado em Sagres, quando um ciclone lhe rebentou as amarras, dando à costa e perdendo-se desfeito pelo mar.
Depois deram-lhe o «Rainha D. Amélia», que também era um belo barco, ou melhor, é, porque ainda está ao serviço em S. Martinho do Porto.



O patrão Casaca no seu mundo...



E agora é patrão do «Comandante Couceiro», desde 1963, outra rica embarcação, que ele trata como se fosse um filho. O mar para ele não tem segredos. O pior é a vista que já vai falhando...

– Sabe sr. Director, antigamente trabalhava-se muito. Só havia barcos à vela e os desastres eram constantes. Houve meses em que não dormia mais de 10 noites em casa. As outras passei-as acordado, no mar.

– Uma noite, eram pr'aí umas 11 horas, um barco espanhol – o «Monte Beltrone» – pediu socorro por ter encalhado nos baixos da Cabeça dos Mortos. O vento era tanto que só às 3 da manhã conseguimos abrir a porta do posto para deitar o salva-vidas à água. Lá fomos para o local do sinistro debaixo de muito mar. Chegado lá, fundeei ao largo e deixei-me descair sobre a amarra para junto do barco encalhado. Atiraram-se 2 cabos, um da proa e outro da popa. Quando a vaga passava encostávamos o salva-vidas ao navio e embarcávamos náufragos, mas quando o mar vinha, afastávamo-nos para não bater».

– Tínhamos já nove náufragos a bordo quando rebentou o cabo da proa. Atiraram-nos outro, mas com tanto azar que se enroscou no nosso hélice, e partiu metade da porta do leme.

– Com muita dificuldade naveguei para Olhão. Havia muito povo para assistir à chegada dos náufragos. Entre estes estava o cozinheiro que trazia uma grande faca.

– Pedi-lha emprestada e desimpedi o hélice. Desembarcaram os náufragos e voltei ao navio encalhado. Repeti a manobra e embarquei os restantes náufragos – vinte e tal.

– O pior é que já em terra, na Alfândega, fizeram a chamada e verificaram que faltavam três tripulantes. Teriam desaparecido?

– Voltámos ao navio, que remédio tínhamos nós... O tempo tinha amainado o suficiente para podermos atracar. Lá estavam eles. Não queriam largar a carga que diziam ser muito valiosa...

– Trouxe-os também para terra, embora contrariados.

– E ganhou o patrão Casaca alguma coisa por este salvamento, perguntei?

– Bem, a companhia armadora deu 3 contos para os 4 tripulantes do salva-vidas, o Director do Instituto deu-me um louvor e uma medalha, e um dos náufragos deu-me duas caixinhas com passas que trouxe de bordo... não foi mau!

São assim os homens do mar. Não é o lucro que os faz arriscar a vida, é qualquer coisa que há dentro deles, e que eles não sabem bem o que é.

– A minha vida tem sido esta: pedidos de socorro, salvamentos, temporais, noites em branco, água salgada... muito trabalho, mesmo muito! Mas também muitas alegrias graças a Deus!

– Um dia fui em socorro dum barco de pesca espanhol que encalhou ao pé da barra da Fuzeta. O mar era tanto que eu nem ouvia o trabalhar do motor. Julguei que estava avariado. Mas o motorista punha o ouvido encostado à antepara e dizia que ia a trabalhar. Não podia abrir a porta por causa do mar. O salva-vidas não conseguia avançar.

– Aproveitando uma sota o motorista conseguiu abrir a porta e meteu-se lá para baixo.

– Pôs toda a força avante e o barco deu dois saltos, sacudindo a água como um cavalo de raça. Era um grande barco este «Rainha D. Amélia»!

– Quando chegámos ao local, já não éramos precisos; estava tudo a salvo.

– O mestre dum cerco, meu amigo, quando me viu entrar a barra de Olhão com tanto mar, disse para quem quis ouvir: «Só aquele bruto do Casaca é capaz de fazer isto!...»

– Olhe, sr. Director, a gente nunca devia chegar a velho. Desde 1923 que não bebo álcoois nem fumo. Não estou mau, mas claro, já não sou o Casaca doutros tempos. Agora já não era capaz de salvar os espanhóis todos do «Monte Beltrone»... aquilo manda muita genica!

E pronto, despedimo-nos com um abraço. O patrão Casaca saiu com o seu ar gingão e eu fiquei-me a pensar que, quando ele se reformar, o mar há-de sentir a sua falta...

M. do Vale

saibam todos

Que os sargentos da classe de Electricistas e os das classes de Artilheiros e de Torpedeiros-Detectores, que frequentaram os respectivos cursos de 2.º grau a partir do 4.º trimestre de 1969, poderão obter a carteira de profissional do Sindicato Nacional de Electricistas, como oficiais, desde que tenham mais de 2 anos de serviço efectivo após a obtenção dos referidos cursos, e como pré-oficial, desde que tenham menos que aquele período de tempo.

Que os sargentos e as praças com a especialização de Preditor, que frequentaram cursos daquela especialidade a partir de 1965, poderão também obter o mesmo documento (carteira de profissional do S.N.E.) nas condições supracitadas.

Que as praças que frequentaram cursos do 1.º grau de Artilheiros, a partir de Setembro de 1968, e de Torpedeiro-Detector, a partir de Abril de 1969, e do 1.º grau de Electricista poderão obter a carteira profissional do Sindicato Nacional de Electricistas, como pré-oficial, desde que tenham mais de 2 anos de serviço efectivo após a obtenção dos referidos cursos, e como ajudantes, desde que tenham menos do que aquele espaço de tempo.

Que não são seleccionados normalmente para qualquer comissão por oferecimento os sargentos e praças que, não tendo tirocínios, os não possam fazer nessa comissão, ou que se preveja possam ser chamados entretanto à frequência dos cursos para promoção.

Se o militar interessado apresentar declaração de sujeitar-se aos prejuízos que possam resultar da sua nomeação, deixará, para o efeito, de ser considerada aquela restrição.

ASSINANTES

Com a saída do presente número, terminam as assinaturas dos n.os 1 a 12 da nossa Revista.

Serão mantidas as assinaturas que não forem canceladas pelos próprios. Os respectivos recibos, que serão enviados oportunamente, poderão ser liquidados pela forma habitual.

filatelia

FRANQUIAS MECÂNICAS

As grandes quantidades de correspondência que, normalmente, as empresas necessitam de expedir, tornam muito moroso e incómodo o processo de colagem de selos nos sobrescritos.

Para obstar a esse inconveniente foram criadas máquinas de franquiar, que substituem os selos. A franquia mecânica é, pois, um selo mecânico.

O uso destas máquinas possibilitou ainda publicidade gratuita em grande escala para as empresas, pois permite a incorporação de flâmulas publicitárias junto dos cunhos.

Actualmente algumas estações postais de grande movimento já utilizam máquinas de franquiar. Estamos a lembrar-nos de uma usada na estação de Luanda-Central, em Angola, que ostenta a legenda «Todos Unidos Tornamos Angola Melhor».

A franquia mecânica é constituída por: um bloco datador, um bloco com a taxa e uma flâmula ou legenda publicitária.

O coleccionamento destas franquias faz-se atendendo ao tipo de máquina, ao número da mesma e à flâmula incorporada (uma empresa pode usar dezenas de flâmulas diferentes). O número e o tipo da máquina encontram-se junto do bloco da taxa (a franquia que reproduzimos tem o n.º 263 da máquina tipo VII).

As máquinas usadas em Portugal (aprovadas pelos CTT) são dos tipos I, II, III, IV, VI, VII, IX, X, XI, XIII e XIV. A máquina mais usada é a do tipo VII, que já conta com mais de 700 números diferentes.

As franquias podem ser coleccionadas em sobrescritos completos ou recortadas (gravura). Como não há actualmente qualquer regulamentação, pode optar-se pela forma que nos parecer ser a mais conveniente. Pessoalmente optamos pelo coleccionamento em sobrescritos completos, pois entendemos ser a forma mais lógica.

PELO MUNDO

– No passado dia 16 de Agosto os correios de Papua e Nova Guiné emitiram e puseram em circulação três selos comemorativos do Dia Nacional, que reproduzimos.

– A Holanda associando-se à realização dos Jogos Olímpicos de Munique emitiu, no dia 11 de Julho p.p., uma série de três selos com motivos desportivos. Houve carimbo de 1.º dia de circulação.

– Pelo Suriname, em 2 de Agosto último, foi emitida uma série de dois valores, comemorativos da chegada do 1.º correio por avião àquele local. Foram usados carimbos de 1.º dia de circulação.

António Vieira Pinto
Mar. A

TROCAS FILATÉLICAS

Clube Filatélico de Moçambique, Caixa Postal 720, Lourenço Marques; Clube Filatélico de Angola, Caixa Postal 5515, Luanda (edita a revista «Selos de Angola»); Associação Portuguesa de Filatelia Temática, Av. Vímara Peres, 46-1.º, Porto (edita a revista «Filatelia Temática»–órgão da Associação); Núcleo Filatélico do Ateneu Comercial do Porto, Rua Passos Manuel, Porto.

CONCURSO

A solução do Concurso publicado no n.º 10 será conhecida no próximo número.

ERROS E VARIEDADES

Frequentemente são utilizadas em conversas filatélicas as palavras «erro» e «variedade», sempre do maior interesse para os coleccionadores, por significarem particularidades curiosas dos selos, geralmente de muito valor e consequência das minuciosas observações a que os filatelistas os submetem.

Embora o assunto nunca nos tenha merecido uma atenção especial, o certo é que o apreciamos e os coleccionadores que a ela se dedicam merecem a nossa admiração. Trata-se na realidade de uma das mais fascinantes modalidades, das muitas que o coleccionamento de selos nos concede.

Aceita-se como «erro filatélico» todo o selo postal que aparece para circular com erros de impressão, expressos em deslocações, sobreposições, dupla impressão, palavras mal escritas, incompletas ou mesmo faltando ou ainda com tipo de letra ou de cor, diferente do selo base.

Apesar das entidades responsáveis tudo tentarem para impedir que tais selos apareçam, em circulação, de vez em quando eles surgem para contentamento dos coleccionadores, particularmente os que ao assunto dispensam interesse especial.

Os exemplares que ilustram este apontamento mostram erros por inversão, dupla impressão, deslocação e falta de indicação do valor da taxa. A estes, muitos mais se juntam com palavras como «Correic», «Copreio» e «Cofreio» em vez de Correio, ou ainda «D. Mária» no lugar de D. Maria, «Seló» substituindo Selo, «CQutinho» em vez de Coutinho, etc. São muitos também, além do que acima se mostra, os que têm falta de indicações, sendo os últimos que conhecemos, alguns da taxa de um escudo da recente série dedicada à «Protecção da Natureza», em que esta indicação não aparece.

Como «variedade», são considerados os selos da mesma série e taxa apresentados em diferentes tipos de papel, com denteados diferentes, ou, com cores de tonalidades bem diferenciadas.

Fàcilmente se compreende que, quanto menor for o número de selos encontrados em qualquer uma destas condições, mais estes se valorizam pela raridade.

Para conclusão deste despretencioso apontamento, diremos ainda que a palavra «defeito», muitas vezes sinónimo de erro, em filatelia quer dizer selo estragado e portanto sem qualquer interesse para os coleccionadores.

G. Brandão

voz da abita

De Carmo Pinto, 1.º sarg. H:

«Luanda, 31 de Maio de 1972

«Há muito que me propunha escrever para a nossa Revista, não só para agradecer pùblicamente a quem tal ideia teve como também para enviar algumas produções minhas para serem publicadas, no caso da Redacção as achar condignas da nossa Revista. Falta de tempo, e por vezes de disposição, tem estado na base de tal silêncio.

«De há muito, realmente, se fazia sentir a falta de uma revista da Armada. Sim! De uma revista, mas uma revista que não nos deixasse ficar mal, em confronto com outras do género.

«É certo que, se não estou em erro, os cadetes da Escola Naval editam «O Tridente» e o Clube Militar Naval edita os seus «Anais». Publicações muito restritas, impunha-se realmente uma revista que englobasse, mais amplamente, toda a família naval. E não há dúvida

que a nossa Revista, que numa hora feliz apareceu à luz do dia, vem, quanto a mim, preencher essa lacuna e contribuir para um maior estreitamento de amizade, não só para os que se encontram ainda ao serviço como, também, para aqueles que já por cá passaram e hoje se encontram na vida civil.

«Mas em todo o marinheiro civil há sempre um laivo de saudade. E eu que o diga! Ainda há tempos, nas minhas andanças por terras portuguesas de África, onde me encontro presentemente, alguém me abordava e perguntava por este ou por aquele navio, alguns deles já abatidos, por este ou por aquele «Escola», e era com saudade e lágrimas nos olhos que eles viviam aquela hora e recordavam a sua Marinha...

«Por fim, lá vinha o desabafo: «Sabe... é que eu também fui marujo!...»

«É realmente assim a nossa Marinha!

«Não só sabe criar homens para o futuro como também criar fortes saudades...

«Não me quero alongar e peço antecipadamente perdão pelo tempo tomado. Neste momento, só um desejo tenho: que a nossa Revista seja cada vez maior e que nunca acabe, para bem duma corporação que tão brilhantemente honra!

«Com votos de felicidade para todo o corpo redactorial, se subscreve.

«P.S. – Apenso, um pequeno apontamento sobre filatelia, da qual sou entusiasta, alguns poemas de minha autoria e alguns problemas de fácil solução.»

N.R. – *A colaboração recebida será apreciada pela Redacção e publicada, se for caso disso.*

SÓ!...

Sentado nas rochas junto ao mar
Onde o vento sopra devagar
E as ondas batem mansamente

É quase noite!...

O Sol sumiu-se há pouco no ocidente,
O vento não pára de soprar.
E as ondas de deslizar...

As estrelas brilham já no firmamento
Onde a lua vai subindo lentamente.
A noite agora tornou-se mais clara, mas fria e ausente.

Estou só!...

Sem ninguém a quem ouvir ou falar.
Sòmente, sentindo no rosto a asa do vento
E ouvindo o murmúrio do mar,
Como um lamento...

Já é tarde, quase um outro dia a raiar.
O novo dia nasce e com ele novas esperanças para o mundo!

Continuo só!...

A minha sombra projecta-se no mar
E eu fico a fitá-la de olhar mudo...

Paulino Barroso
1.º-grt. L

AGUARELA FAIALENSE

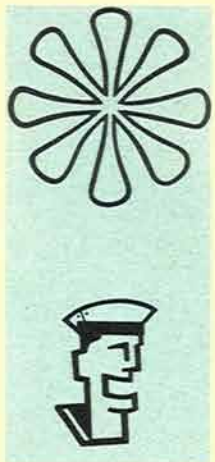
Na moldura cinzenta da janela,
Retrato de Madona mui formosa,
Encosta o níveo rosto, langorosa,
Negrejando o cabelo a aguarela.

Perde-se o meigo olhar na chamarela
Do Pico a refulgir, de nimbo rosa,
Em encantos subtis de amorosa.
... Mergulha o meu olhar no olhar dela.

Assim o sonho nasce... e impreciso,
Rompendo do presente a neblina,
Anima da esperança triste viso.

Retenho a bela imagem na retina,
Recolho do momento um só sorriso
E fujo... que da Vida hei outra sina!

A. Santos Coentro



De José da Costa Florim («O Fadinhos»), ex-marinheiro monitor:

«Matosinhos, 20-7-72.

«Com os meus respeitosos cumprimentos e votos de muita saúde para todos, venho pela presente enviar uma parte do jornal "O Primeiro de Janeiro", de 17-3-63, em que se narra o naufrágio do "Silver Valley" e não do "Saban" como publica a "nossa" muito querida Revista no seu n.º 10 de Julho último.

«Não se me escapa nada que diga respeito à vida do mar e por tal fui ao meu arquivo. Vivi horas muito tristes, chorei, senti que alguém de meu lá estava e não haja dúvida que nesta "maldita" barra já me ficaram lá avô e tio, sentindo-me eu já nas mesmas circunstâncias.

«O nosso amigo Espinheira, 1.º-grumete FZ, deve estar enganado ou enganaram-no. Aproveito a oportunidade para lhe enviar os meus parabéns pelo artigo.

«Agradeço o favor de me devolverem esta preciosa recordação, para a voltar a arquivar, quando me enviarem a revista n.º 11.

«Sobre outro assunto, muito grato ficaria se me informassem se será possível termos uma coluna para correspondência com o título "Solicitam Correspondência" ou "Querem Trocar Correspondência".

«Que alegria não senti quando passados 17 anos encontrei o "filho da escola" cabo motorista Vieira, da fragata "Pero Escobar", quando da sua visita ao porto de Leixões no dia 10 do mês passado. Que grande abraço nós trocámos! Quis ele saber de todos e eu quis saber de tudo. Só quem abandona a Marinha é que sabe sentir saudades. [...]»

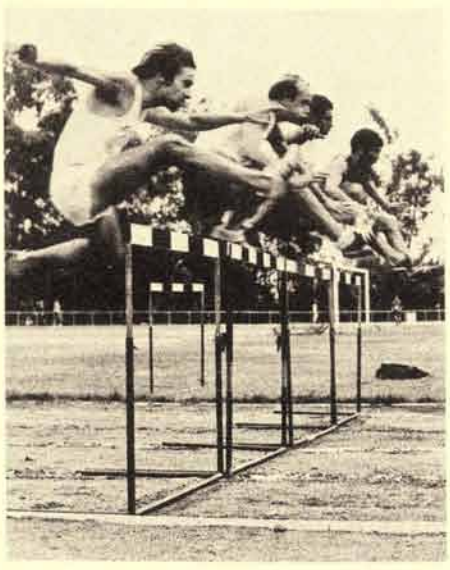
N.R. – *Esclarece-se o autor desta carta que a fotografia que ilustrou o conto «Saban» – fàcilmente se depreende da sua leitura tratar-se de um relato fictício – nada tem a ver com o caso. A fotografia, que foi mandada publicar pela Redacção da nossa Revista, representa efectivamente o naufrágio do «Silver Valley» e foi-nos cedida pelo I.S.N.*

---

desportos

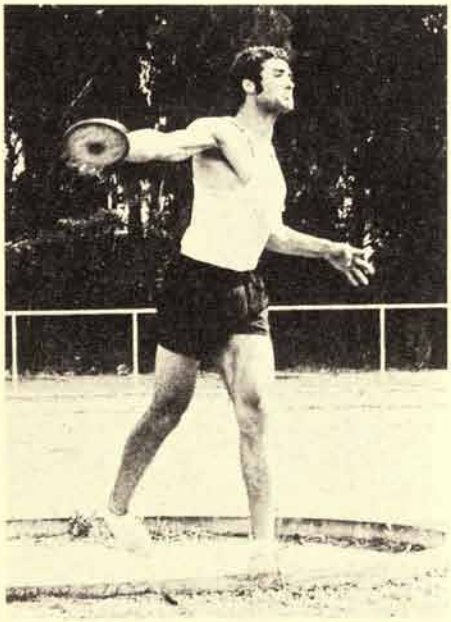
Atletismo no Alfeite

À esquerda – Patrício («S. NICOLAU»), em primeiro plano, irá vencer a prova dos 110 m barreiras. O mesmo atleta conquistou também a prova do salto em altura. À direita – Afonso (F.F.C.) ganhou 3 provas – 800, 1500 m e dardo. Ei-lo no lançamento do mesmo.



O Campeonato de Atletismo da Armada não teve o nível que se desejava.

A equipa do C.E.F.A. venceu com justiça a competição, conquistando 13 títulos.



À esquerda – Aníbal (C.E.F.A.) conquistou 3 triunfos: disco, vara e peso. A fotografia mostra o lançamento que lhe deu a vitoria.

À direita – Uma fase da corrida dos 1500 m, vendo-se no comando Afonso (F.F.C.), que será o vencedor.

Uma fase da partida dos 800 metros, cujo vencedor se vê à direita: Afonso (F.F.C.).

Monteiro (C.E.F.A.) também esteve em evidência. Ganhou os 100, 200 e 4x100 m. Ei-lo a concluir a estafeta.

Atletismo

Disputaram-se nos passados dias 14 e 15 de Julho os Campeonatos de Atletismo da Armada. As provas desenrolaram-se no Estádio da Base Naval do Alfeite com pouco interesse, devido à reduzida concorrência, e disso se ressentiram os resultados técnicos que foram inferiores ao que se esperava. De salientar e lamentar a ausência dos atletas da Escola de Fuzileiros e do Grupo n.º 1 de Escolas, que certamente dariam maior brilho a estes Campeonatos, que não forneceram um único **record**!

Colectivamente, o C.E.F.A. foi o vencedor justo, totalizando maior número de pontos do que a soma total dos das restantes equipas. Individualmente, citemos os triplos vencedores seguintes: Afonso (F.F.C.), com vitórias nos 800, 1500 metros e dardo; Monteiro (C.E.F.A.) nos 100, 200 e estafeta 4x100 metros; e, ainda, Aníbal (também do C.E.F.A.), com 1ºs. lugares no disco, vara e peso. Com duplos triunfos registamos as vitórias de Patrício (N.R.P. «S. Nicolau»), em altura e 110 metros-barreiras; Gato (C.E.F.A.) nos

3000 e 5000 metros; e, finalmente, Silva (C.E.F.A.), no comprimento e 400 metros barreiras.

Damos a seguir a lista dos vencedores das várias provas com os respectivos resultados técnicos:

100 metros	Monteiro (C.E.F.A.)	11,9 s
200 metros	Monteiro (C.E.F.A.)	24,1 s
400 metros	Gomes (D.S.A.N.)	59 s
800 metros	Afonso (F.F.C.)	2 m 13,8 s
1500 metros	Afonso (F.F.C.)	4 m 41,8 s
3000 metros	Gato (C.E.F.A.)	10 m 14,3 s
5000 metros	Gato (C.E.F.A.)	17 m 56 s
4x100 metros	CEFA	49,7 s
4x400 metros	CEFA	4 m 12,3 s
110 m barreiras	Patrício («S. Nicolau»)	20,2 s
400 m barreiras	Silva (C.E.F.A.)	1 m 5,5 s
Comprimento	Silva (C.E.F.A.)	5,35 m
Altura	Patrício («S. Nicolau»)	1,55 m
Vara	Aníbal (C.E.F.A.)	2,95 m
Triplo salto	Duarte (C.E.F.A.)	11,27 m
Peso	Aníbal (C.E.F.A.)	10,29 m
Dardo	Afonso (F.F.C.)	40,68 m
Martelo	Machado (C.E.F.A.)	19,10 m
Disco	Aníbal (C.E.F.A.)	31,54 m

CLASSIFICAÇÃO COLECTIVA

1.º – Centro de Educação Física da Armada – 13 títulos..... 175 p.
2.º – Grupo n.º 2 de Escolas da Armada..... 48 p.
3.º – Força de Fuzileiros do Continente – 3 títulos ..... 18 p.
4.º – N.R.P. «S. Nicolau» – 2 títulos..... 16 p.
5.º – Direcção do Serviço de Armas Navais – 1 título..... 16 p.
6.º – COMIBERLANT ..... 4 p.

Basquetebol

Apenas com a participação de 4 equipas disputou-se o Campeonato de Basquetebol. A Escola de Fuzileiros ganhou com mérito registando vitórias em todos os jogos.

O N.R.P. «Gago Coutinho» desistiu pelo que a classificação final ficou assim ordenada:

	J	V	D	B	P
1.º – Escola de Fuzileiros.....	4	4	-	145- 95	8
2.º – C.E.F.A.....	4	2	2	106-101	6
3.º – D. Construções Navais.....	4	-	4	104-159	4

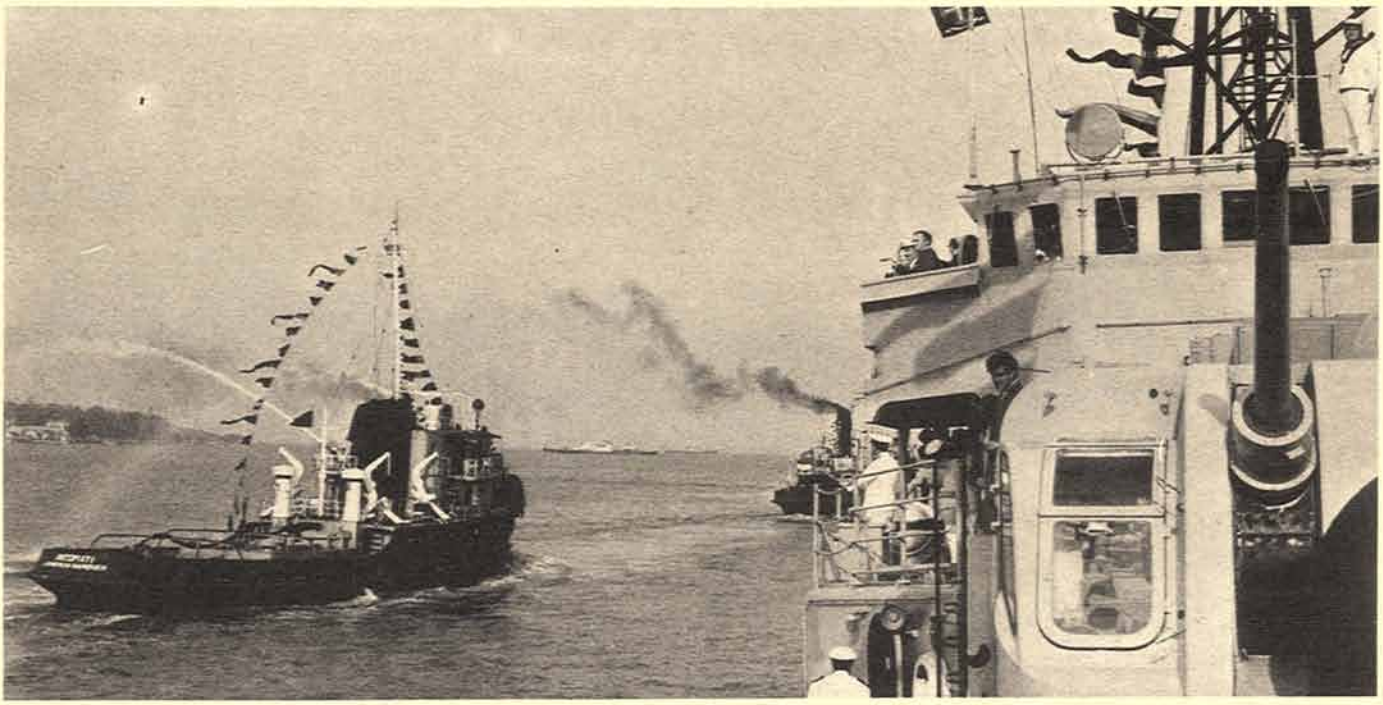
P. Caeiro

DESPORTOS

DE MOÇAMBIQUE

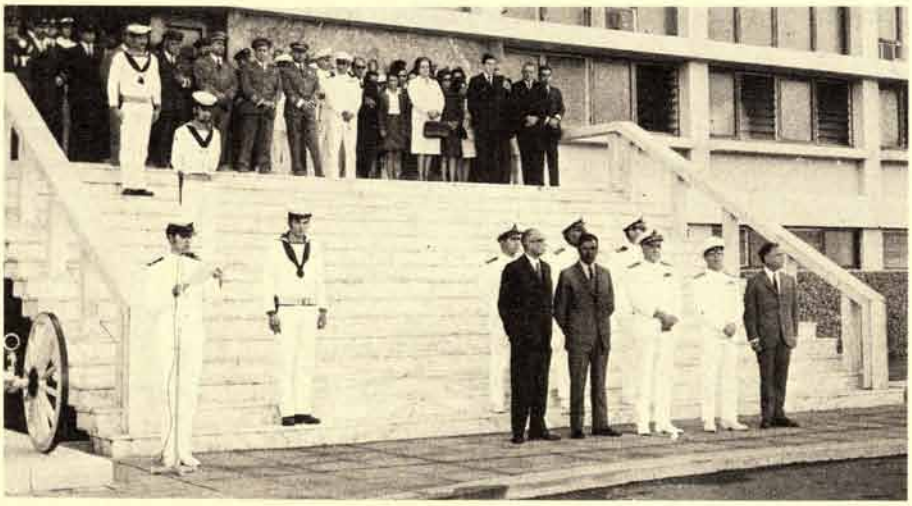
O Dia de Portugal e a figura gigantesca de Camões uniram mais uma vez, em manifestações plenas de consciência nacional, milhões de portugueses espalhados pelo Mundo.

Em Lourenço Marques, os principais acontecimentos integrados nas comemorações tiveram lugar na Praça Mousinho de Albuquerque, com formatura geral das forças militares, imposição de condecorações e desfile das forças em parada, cerimónia a que assistiu o governador-geral de Moçambique, eng.º Pimentel dos Santos, e o comandante-chefe das Forças Armadas em Moçambique, general Kaulza de Arriaga.



Assinalando a data histórica da partida de Lisboa da armada de Vasco da Gama, tiveram lugar no passado dia 8 de Julho as comemorações do Dia da Marinha.

Das cerimónias em Lourenço Marques, salienta-se uma alocução feita pelo comandante naval de Moçambique, uma palestra evocativa dos descobrimentos, imposição de condecorações, diversas inaugurações e melhoramentos, uma cerimónia de alto significado junto do Padrão das Descobertas e a inauguração do Cais da Marinha, na Catembe, com a atracação da corveta «General Pereira d'Eça», levando a bordo o governador-geral de Moçambique, o comandante-chefe e o comandante naval.



Em cerimónia simples, mas de grande significado, comemorou-se no Comando Naval de Moçambique, em Lourenço Marques, o 50.º aniversário da travessia aérea do Atlântico Sul pelos navegadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Da cerimónia, a que assistiram o comandante naval, secretário provincial de Comunicações e muitos oficiais, destaca-se o descerramento de uma placa no átrio do edifício do Comando Naval, por um sobrinho de Sacadura Cabral.

CONFRATERNIZAÇÃO DAS BANDAS MILITARES

Realizou-se no Alfeite no passado dia 1 de Julho uma confraternização entre o pessoal das bandas militares. Efectuou-se um torneio de futebol que teve a seguinte classificação:

1.ª, Banda da Armada;

2.ª, Banda da Guarda Nacional Republicana;

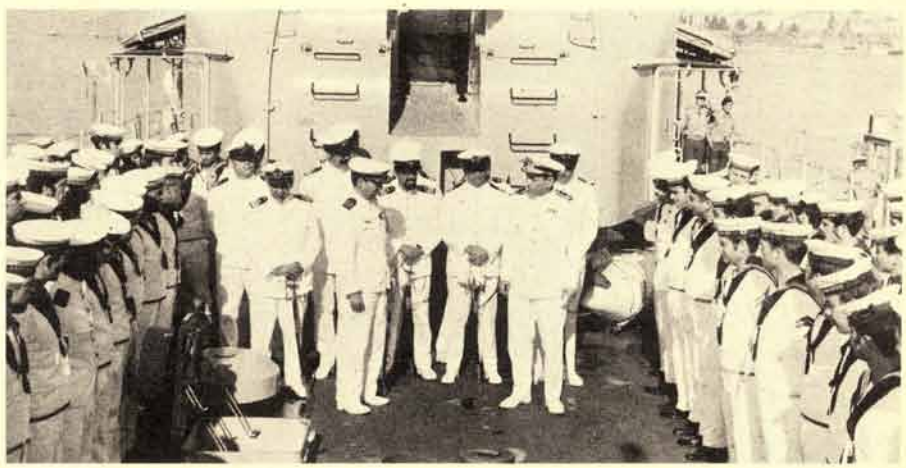
3.ª, Banda do Batalhão de Caçadores N.º 5;

4.ª, Banda do Regimento de Infantaria N.º 1.

Após o torneio realizou-se um almoço no Grupo N.º 2 de Escolas da Armada.

Na final, a Banda da Armada venceu a da G.N.R. por 3-2.

A FRAGATA «COMANDANTE ROBERTO IVENS» REGRESSA DO ULTRAMAR



No passado dia 3 de Julho, chegou ao nosso porto, de regresso de comissão em águas de Angola e Cabo Verde, a fragata «Comandante Roberto Ivens», do comando do capitão-de-fragata Torres Grincho.

Este navio desempenhou naquelas províncias ultramarinas missões de patrulhamento, cooperação com as forças terrestres em exercícios de desembarque conjuntos e acções de assistência e fiscalização da navegação de cabotagem.

A apresentar cumprimentos de boas-vindas em nome do ministro da Marinha e do chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, foi a bordo o comodoro Aquino de Azevedo.

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

No passado dia 4 de Julho, realizou-se num restaurante típico um almoço de confraternização entre oficiais que foram comandantes da Polícia Marítima e funcionários que completaram 30 anos de serviço.

A iniciativa da reunião foi destes últimos – inspector Manuel Cabaço, chefes M. Baptista, J. Nabais e A. Fonseca e subchefes M. Elias e J. Alberto.

Presentes os ex-comandantes 1.º-tenente RA Sales Henriques, contra-almirante RA Flávio O. e Sousa, capitão-de-fragata RA Santiago Ponce, comodoro Malheiro do Vale, capitães-de-mar-e-guerra Cruz Filipe e Rodrigues Alho, capitães-de-fragata Olegário Borges e Pimentel Saraiva e o actual comandante, capitão-tenente Alpoim Calvão.

O almoço decorreu em ambiente de franca cordealidade e boa disposição, tendo brindado o inspector Cabaço pelos promotores da reunião e o comodoro Malheiro do Vale pelos antigos comandantes.

CINQUENTENÁRIO DA COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Com uma sessão solene realizada a bordo do paquete «Infante D. Henrique», atracado ao Cais da Rocha, presidida por Sua Excelência o Presidente da República, a Companhia Colonial de Navegação encerrou, no dia 6 de Julho, o ciclo de comemorações do cinquentenário da sua fundação.

Na mesa de honra tomaram assento o ministro da Marinha; o presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, contra-almirante Gomes Ramos; o intendente das capitanias, exercendo as funções de director-geral dos Serviços de Fomento Marítimo, comodoro Malheiro do Vale, além de vários membros da administração daquela companhia de navegação.

Foi orador o jornalista Maurício de Oliveira, que fez a história da companhia.

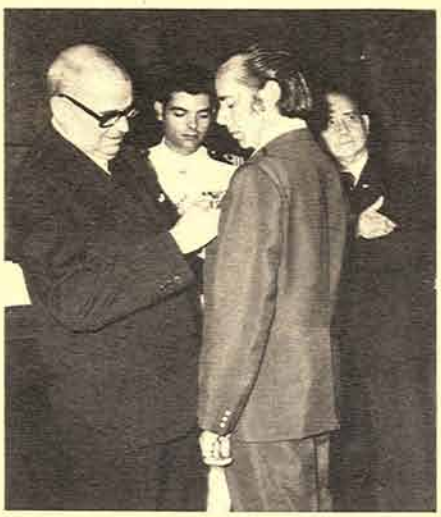
COMEMORAÇÃO DO 1.º ANIVERSÁRIO DA «REVISTA DA ARMADA»

No dia 6 de Julho, reuniram-se nas instalações onde funcionam os serviços da «Revista da Armada» todos os que nela trabalham para comemorar a passagem do primeiro aniversário desta nossa publicação.

Houve bolo de aniversário (com vela e tudo...) propositadamente encomendado para o efeito, champanhe e brindes pelas prosperidades da Revista e da Armada.

COMEMORAÇÕES DO DIA DA MARINHA

Com várias solenidades se comemorou a data de 8 de Julho, Dia da Marinha. Assim, logo pela manhã, surgiram embandeirados em arco navios das marinhas de guerra, comércio, pesca e recreio, bem como estabelecimentos dependentes do Ministério. Medalhas de Mérito Militar e Comportamento Exemplar foram impostas a militares da Armada no gabinete do vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, chefe do Estado-Maior da Armada; Escola Naval; Grupos



n.os 1 e 2 de Escolas da Armada e Escola de Fuzileiros. Também no Instituto de Socorros a Náufragos foram condecorados com medalhas de Coragem, Abnegação e Humanidade vários patrões, motoristas e sota-patrões de embarcações salva-vidas. Por sua vez, no gabinete do ministro da Marinha, foi imposta a medalha naval de Vasco da Gama a militares da Armada, a elementos das marinhas de comércio, pesca e recreio e a individualidades civis, tendo sido ainda distribuídos prémios aos alunos mais classificados dos vários cursos da Escola Náutica.

Ainda na parte da manhã, nas instalações da Biblioteca do Estado-Maior da Armada, procedeu-se à inauguração das estátuas do vice-almirante Botelho de Sousa e do padre Fernando Oliveira.

O ministro da Marinha visitou os feridos e acidentados no Ultramar

internados no Hospital da Marinha, levando-lhes uma palavra de conforto e algumas lembranças.

Às 12 horas os navios de guerra surtos no Tejo efectuaram uma salva de 21 tiros.

De tarde, disputaram-se regatas de vela, em Lisboa e em Leixões, e Sua Excelência o Presidente da República inaugurou no Palácio Foz o IV Salão Internacional de Fotografia do Mar, organizado pela Federação Portuguesa de Actividades Submarinas, certame que registou a presença de numerosos concorrentes nacionais e estrangeiros, o que atesta do valor internacional a que o mesmo já se guindou; entretanto, e organizado pelo Sport Club do Porto, foi também inaugurado em Matosinhos um Salão de Fotografia Náutica.

À noite, os estabelecimentos e navios, das marinhas de guerra, comércio, pesca e recreio iluminaram de gala.

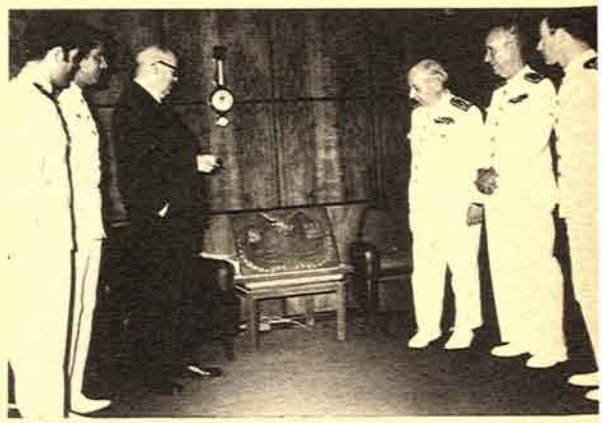
Nos Comandos Navais e de Defesa Marítima das Ilhas Adjacentes e Ultramar efectuaram-se também cerimónias comemorativas desta data, das quais oportunamente daremos conhecimento aos nossos leitores.

A FORÇA AÉREA OFERECE AO MUSEU DE MARINHA UMA PLACA ALUSIVA À TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

No dia 11 de Julho, numa cerimónia que decorreu no gabinete do ministro da Marinha, este membro do Governo fez entrega ao contra-almirante Ramalho Rosa, director do Museu de Marinha, de uma placa de bronze alusiva ao feito realizado pelos oficiais da Armada Sacadura Cabral e Gago Coutinho, ligando, em 1922, Portugal ao Brasil.

A artística placa, oferta da Força Aérea ao Museu de Marinha, foi executada nas oficinas Gerais de Material Aeronáutico, em Alverca.

Ao acto assistiu o chefe do gabinete do ministro da Marinha, contra-almirante Monteiro de Barros,



e os oficiais que lá prestam serviço.

VIAGEM DE INSTRUÇÃO DE ASPIRANTES DA ESCOLA NAVAL

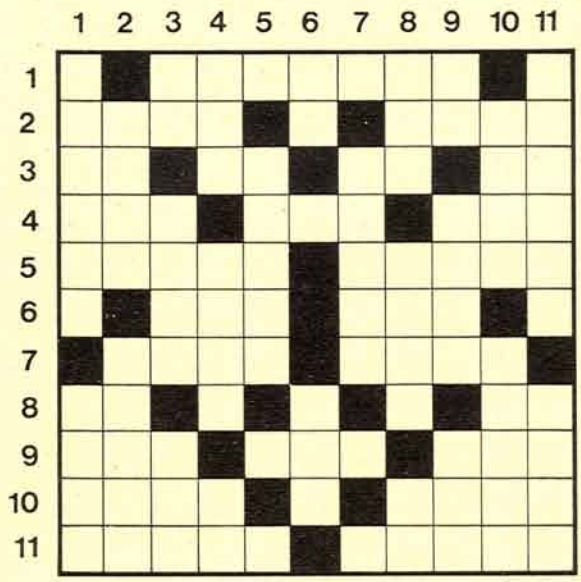
A bordo da fragata «Pero Escobar», do comando do capitão-de-fragata Turíbio de Abreu, largaram do nosso porto, no dia 13 de Julho, 25 aspirantes do 3.º ano da Escola Naval do curso «Almirante Afonso Cerqueira» que vão efectuar a sua viagem de instrução.

Estão previstas escalas no Funchal, Praia da Rocha, Barcelona, Livorno, Istambul, Pireu e Toulon, sendo o regresso em fins de Agosto.

Os aspirantes visitarão escolas navais e arsenais estrangeiros e efectuarão manobras navais com a fragata «Comandante João Belo», que largou de Lisboa também em viagem de instrução de aspirantes da Escola Naval no passado mês de Junho.

quarto de folga

PALAVRAS CRUZADAS (Passatempo n.º 12)



Horizontais: 1 – A pérola do Atlântico. 2 – Por boca; beira. 3 – Nota musical; prefixo de negação; apelido; quarto. 4 – Ave pernalta; letra do alfabeto; nome de homem. 5 – Cinco 1.as letras de atrancar (inv.); rosa fechada. 6 – Grande quantidade; pronome pessoal. 7 – Estado brasileiro; forma do verbo ser. 8 – Preposição simples; letra grega. 9–Poema; base aérea; mil quinhentos e um. 10 – Fechar as asas para descer mais depressa; aleijar. 11 – Descampados; minério.

Verticais: 1 – Sexo forte (pl.); quantidade prescrita. 2 – Monte; rogar. 3 – Ruim; monta; Escola de Alunos Marinheiros. 4 – Acolá; peso bruto menos peso líquido; letra grega. 5 – Dividira ao meio. 6 – Preposição simples; Instrução Técnica Elementar. 7 – Tapumes de ramos. 8 – Rate; derivado do petróleo; preposição simples. 9 – Atmosfera; liar; maior. 10 – Unidade monetária da Itália; queimar. 11 – Barcos de guerra; metal precioso.

NOTA: Depois de resolvido o problema, encontrará a legenda que é lema da Flotilha de Draga-Minas: «Homens de ferro em navios de madeira».

A. Fardilha
Mar. L

(Solução na pág. 34)

TESTE DE CULTURA
ARQUITECTURA

1 – O que é um arcobotante?
2 – A que estilo arquitectónico pertence a maioria das igrejas russas?
3 – O que é o Pártenon?
4 – Que estilo arquitectónico lhe sugerem as catedrais?

Compilado por F. Bastos, 2.º gr. RM

(Solução na pág. 34)

PROBLEMAS PARA ENTRETER

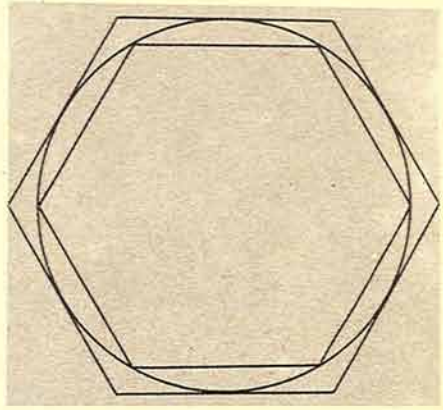
Continuamos a apresentar, extraídos da mesma publicação que já anteriormente referimos, mais cinco problemas:

17.º
Porque é que as tampas das portas de visita ou escotilhas devem ser circulares em vez de serem quadradas, por exemplo?

18.º
Quantos números diferentes se podem escrever empregando para isso todos os dígitos uma só vez como, por exemplo, neste – 4390176582 – ?

19.º
Quando foi da invasão da Normandia numa noite de mau tempo, em Julho, chovia a potes nas praias de Omaha.
Acha possível que 72 horas depois estivesse, na mesma praia, um sol magnífico?

20.º
Dada uma circunferência circunscreva e inscreva um hexágono regular como mostra a figura. Se o hexágono mais pequeno tiver uma área de 3 decímetros quadrados, como pode saber, de forma expedita, qual a área do maior?

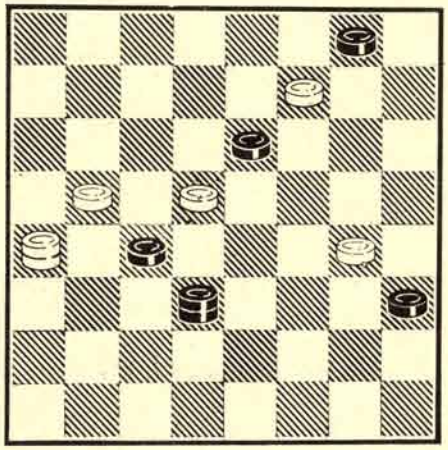


21.º

Se alguém tivesse *x* anos de idade no ano x^2, *que idade teria?*

(Publicaremos as soluções no próximo número)

DAMAS



As brancas jogam e ganham *(Solução na pág. 34)*

– Oh, prima está com sorte que já lhe arranjei uma boleia!...

TRÊS INTERPRETAÇÕES DO CÓDIGO DOS QQ

(Quadros existentes na Estação Radionaval de Monsanto, desenhados pelo coronel Vasco Lopes Mendonça)

CONCURSO N.º 12

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

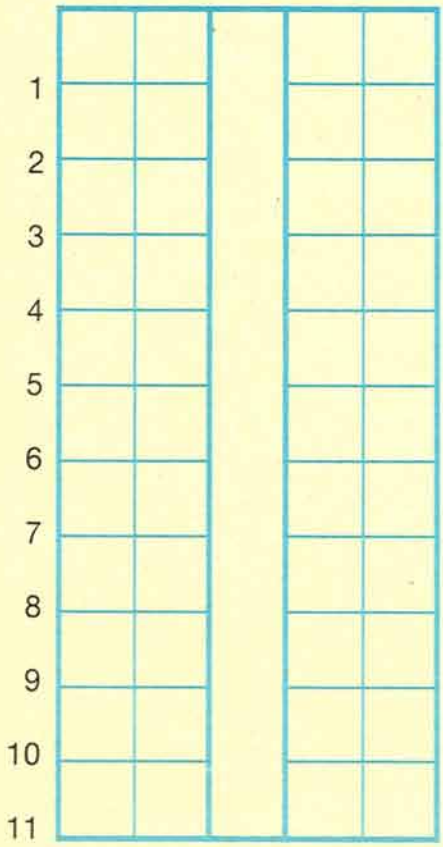
Um jovem vive próximo de uma paragem de autocarros. Namora duas raparigas, uma vive em Olivais Norte, outra em Olivais Sul. Para visitar esta última, toma o autocarro que se dirige para o Sul; para ver a primeira utiliza o que segue em sentido oposto. Como não tem preferência por qualquer uma delas em especial, toma simplesmente o primeiro autocarro que aparece. Quer dizer: entrega-se ao acaso e deixa-se conduzir indistintamente para junto da que vive na parte Norte ou da que reside na parte Sul.

O jovem dirige-se todos os sábados de tarde para a paragem, mas sem hora certa.

Os autocarros para ambas as direcções passam com a mesma frequência de 10 em 10 minutos. Inexplicàvelmente, porém, ele visita mais vezes a jovem que vive no bairro Norte. Com efeito, vê-a nove vezes em cada dez sábados. Qual a razão de serem tão grandes as probabilidades de visitar a rapariga do Norte?

F. Bastos
2.º gr. RM

PILHA DE PALAVRAS



1 – Parte do calçado correspondente ao calcanhar.
2 – Intestino.
3 – Tábula.
4 – Obstinação.
5 – Tino.
6 – Mantos largos que eram o traje particular dos Romanos.
7 – Fronte.
8 – Protector.
9 – A realeza.
10 – Aturdido.
11 – Estratagema.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central o leitor encontrará o apelido de um célebre explorador inglês da África central e austral. Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «T».

(Solução nesta pág.)

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 – Madeira. 2 – Oral; orla. 3 – Mi; im; Sá; IV. 4 – Ema; efe; Ari. 5 – Narta; botão. 6 – Mar; ela. 7 – Pará; será. 8 – De; ro. 9 – Ode; Ota; MDI. 10 – Siar; doer. 11 – Ermos; ferro.

Verticais: 1 – Homens; dose. 2 – Rima; pedir. 3 – Má; arma; EAM. 4 – Ali; tara; ro. 5 – Meara. 6 – Em; ITE. 7 – Sebes. 8 – Roa; óleo; de. 9 – Ar; atar; mor. 10 – Lira; arder; 11 – Navios; oiro.

TESTE DE CULTURA
ARQUITECTURA

1 – Arco exterior que suporta a força de outro arco ou abóbada.
2 – Bizantino.
3 – Templo Grego na Acrópole de Atenas.
4 – Gótico.

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Soluções dos problemas publicados no número anterior)

13.º – Se A B C D = 1 2 3 4, nunca será possível obter uma soma tão grande como 12 300. Se A B C D = = 3 4 5 6 será impossível obter uma soma tão pequena como 12 300. Portanto A B C D = 2 3 4 5. Agora não será difícil saber que o número correspondente aos asteríscos é 4 5 2 3.

14.º – Quaisquer dois números inteiros positivos satisfazem.

15.º – Com o condicionalismo de duas das afirmações serem falsas restarão apenas três combinações possíveis: VFF, FVF e FFV. A única combinação não contraditória é FVF que leva a concluir que o Carlos não tem livro nenhum.

16.º – Cada mês terá 11 datas ambíguas (porque uma data do tipo 6/6/72 não é ambígua) o que perfaz um total de 132 no ano.

DAMAS

1. – f7 – e8 = D ..... h3 x f5
2. – d5 x f7 ..... g8 x e6
3. – e8 – f7 .....e6 – d5
4. – f7 – e6 ..... f5 x d7
5. – b5 – c6 ..... d7 x b5
6. – a4 x c2 e ganham...

PILHA DE PALAVRAS

1 – Talão. 2 – Tripa. 3 – Tavoa. 4 – Teima. 5 – Tento. 6 – Togas 7 – Testa. 8 – Tutor. 9 – Trono. 10 – Tonto. 11 – Treta. **(LIVINGSTONE)**

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 10

O sr. Branco tinha uma gravata cinzenta. O sr. Cinzento tinha uma encarnada. O sr. Encarnado tinha uma branca.
O sr. Branco não podia ter a branca porque correspondia ao seu próprio nome. Também não poderia ter uma encarnada porque foi o sr. Encarnado que fez a observação, à qual respondeu o sr. Branco. Por conseguinte a gravata do sr. Branco tinha de ser cinzenta. Restam as gravatas dos srs. Encarnado e Cinzento que forçosamente serão branca e encarnada, respectivamente.
VENCEDOR: Joaquim Marques dos Reis, Mar. L, do Comando Naval de Moçambique.

CONTRASTES...

FÉRIAS NA ALBUFEIRA...

(Foto de L. C. Gaspar)

VIGIA NO LAGO NIASSA !

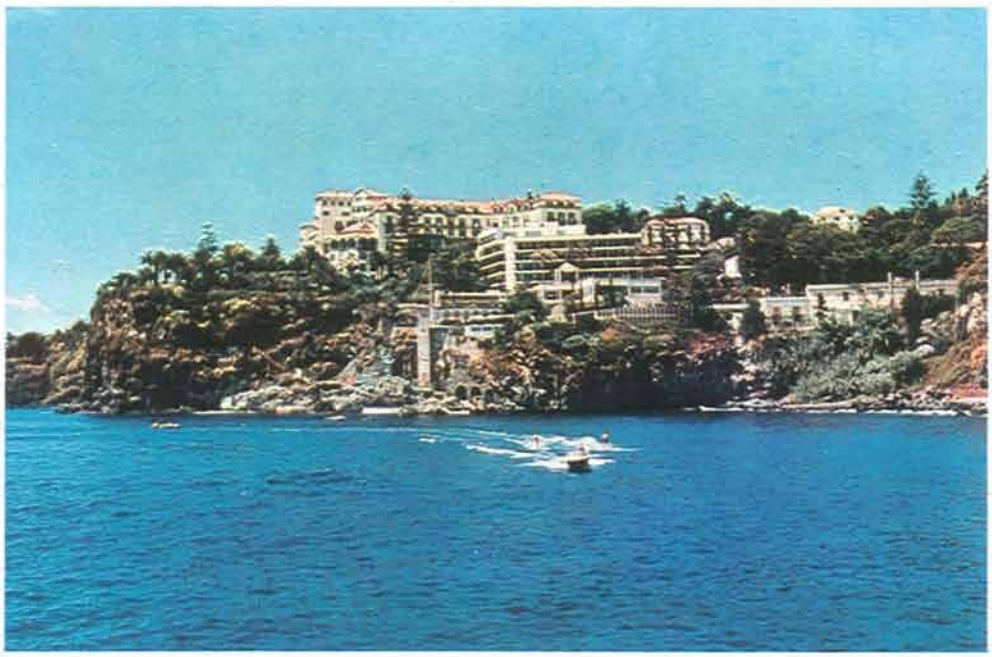
(Foto de J. Caldeira, Cabo FZE)

1. 30$

METRÓPOLE

Albufeira
Barcos Varados na Praia

Foto do cap. ten. AN Caeiro Junça



MADEIRA

Funchal
Hotel Reid's

Foto Perestrellos

TIMOR

Aclalás

Foto do com. M. do Vale.